

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

**Afetividade e aprendizagem: um estudo sobre as produções e  
as repercussões**

Rafaela Turchetti Tordin

CAMPINAS

2016

**Rafaela Turchetti Tordin**

**Afetividade e aprendizagem: um estudo sobre as produções e  
as repercussões**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Educação  
da UNICAMP sob a orientação da  
professora Dra. Lavínia Lopes  
Salomão Magiolino como requisito  
para a conclusão do curso de  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Lavínia Lopes Salomão Magiolino

CAMPINAS

2016

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

T631a Tordin, Rafaela Turchetti, 1995-  
Afetividade e aprendizagem : um estudo sobre as produções e as  
repercussões / Rafaela Turchetti Tordin. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Lavinia Lopes Salomão Magiolino.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Afetividade. 2. Aprendizagem. I. Magiolino, Lavinia Lopes Salomão. II.  
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lavínia Lopes Salomão Magiolino

---

Ma. Daniela Gobbo Donadon

Dedico este trabalho aos meus pais, Lucia e Ailton, que sempre estiveram ao meu lado nessa longa jornada, que vibraram com cada conquista e não mediram esforços para me ajudar.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente à minha família, especialmente aos meus pais, Lucia e Ailton, por acreditarem em mim, torcerem por mim, me apoiarem em todos os momentos, e principalmente por apoiarem meu sonho de ser professora. Por me ajudarem a superar todas as dificuldades que encontrei no caminho, por não me deixarem desistir, por serem o meu ânimo nos momentos de desmotivação. Obrigada por me ensinarem a correr atrás dos meus sonhos, a batalhar para conseguir aquilo que desejo, e por serem a minha referência, o meu exemplo.

Às minhas grandes companheiras de faculdade, Tati, Ágatha e Duda, por terem sido tão amigas nesses quatro anos, por dividirem suas experiências comigo, por me ajudarem a superar minhas dificuldades e estarem ao meu lado em todos os momentos de aflição. Obrigada por todas as risadas proporcionadas, por todo apoio, carinho e conforto nos momentos de dificuldade. Obrigada pela amizade construída, que com certeza levarei para o resto da vida comigo.

Ao Igor, melhor amigo e namorado, por sempre me apoiar, me encorajar, por todas as palavras de ânimo, pela escuta, compreensão e paciência. Obrigada por me ouvir quando precisei desabafar, por me entender quando tive que me ausentar. Obrigada por me ensinar, a cada dia, a ser uma pessoa melhor, e estar ao meu lado nessa jornada, mesmo com todas as dificuldades. Obrigada por tornar essa caminhada mais fácil e feliz.

Agradeço à minha orientadora, Lavínia, que dedicou seu tempo e todo o seu esforço para me ajudar a realizar este trabalho e superar minhas dificuldades, para me ensinar e para me encorajar. Obrigada por ter me ajudado no desenvolvimento dessa pesquisa de maneira sábia e carinhosa, pelas trocas de conhecimento, pela paciência e compreensão.

Agradeço também à minha segunda leitora, Daniela, por ter disponibilizado seu tempo para ler este trabalho e contribuir para seu aprimoramento. Obrigada pelas trocas de conhecimento e pelo carinho.

À todas as crianças que cruzaram o meu caminho durante os estágios realizados, cada um, a sua maneira, me ensinou um pouco mais sobre a vida e me mostrou que ser professor vai muito além da sala de aula. Obrigada por diversas vezes terem transformado o meu dia, ou talvez até a minha semana, com uma simples demonstração de afeto, me fazendo reafirmar a minha escolha em ser professora.

*Põe amor em tudo o que fazes e as coisas terão sentido.*

*Retira delas o amor, e elas tornar-se-ão vazias.*

(Santo Agostinho, sermão 138,2)

## Resumo

O presente trabalho trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, cujo principal objetivo foi investigar, ampliar e atualizar os conhecimentos acerca do tema afetividade e sua relação com a aprendizagem no âmbito escolar. Foi realizado um estudo da temática com base na perspectiva histórico-cultural de autores como Vigotski e Wallon, para assim, compreender o que os mesmos entendem por afetividade, emoção e sua relação com o desenvolvimento. Para maior compreensão da temática, ampliação e atualização do conhecimento que vem sendo produzido nesta área, foi realizado um mapeamento e uma análise de artigos encontrados na plataforma digital Scielo, entre o período de 2000 a 2016, utilizando os descritores “aprendizagem” e “afetividade”. No total, foram analisados 17 artigos, das mais diversas áreas de conhecimento. Através da análise destes artigos, foi possível observar que é crescente a produção científica sobre a temática, mas mesmo assim, ainda pequena considerando-se a relevância e a importância do tema. Os artigos que seguem a perspectiva histórico-cultural dos autores Vigotski e Wallon reafirmam o que os autores já escreviam anteriormente, dando ênfase ao papel da afetividade em nossas vidas, já que a mesma está presente desde tenra idade, sendo fundamental para o desenvolvimento. As recentes produções, em grande maioria, apontam para o caráter essencial das emoções e da afetividade no âmbito escolar e nas relações que ali permeiam, ressaltando a importância de se construir uma relação afetiva entre professor e aluno, para que assim, possa realmente ocorrer a aprendizagem.

**Palavras-chave:** afetividade; emoções; Vigotski; Wallon; dificuldades de aprendizagem; fracasso escolar.

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 - A afetividade no âmbito escolar: ensino, aprendizagem e fracasso escolar.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 – Relação da afetividade com as dificuldades de aprendizagem.....</b>	<b>25</b>
<b>1.2 – Relação entre afetividade e o fracasso escolar.....</b>	<b>27</b>
<b>Capítulo 2 - Afetividade em uma perspectiva histórico-cultural – compreendendo o trabalho de Vigotski e Wallon.....</b>	<b>32</b>
<b>Capítulo 3 - Análise de artigos sobre a relação entre afetividade e aprendizagem.....</b>	<b>40</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>56</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>60</b>

## **Introdução**

Quando escolhi cursar Pedagogia, não sabia ao certo se era realmente esta a profissão que gostaria de seguir. Venho de uma família de pedagogas, passei minha infância e adolescência inteiras ouvindo minha mãe e minhas tias reclamarem dos alunos, do salário, da equipe gestora, das companheiras de trabalho, e por aí vai. Pode-se imaginar a reação de todos quando lhes contei que decidira seguir seus passos. Imploravam para que eu não fizesse isto, pois iria me arrepender da minha escolha, diziam que eu não havia entendido a gravidade dos casos que sempre me contaram. Na realidade, desde o início ouvi várias pessoas me dizendo para escolher outra profissão, algo que oferecesse melhor salário.

Sempre estudei em escolas da rede privada e, especialmente no ensino médio, fui muito cobrada para decorar o máximo de conteúdos possível, para assim, conseguir uma vaga em uma universidade pública. Todos sempre me perguntavam por que eu escolhera a Pedagogia, e nem eu conseguia responder esta pergunta.

Sempre soube de todas as dificuldades que um educador passa em sua carreira, e mesmo eu não estando tão certa da minha escolha no início, ao longo da graduação me apaixonei pela educação, cada vez mais reafirmei minha escolha e hoje entendo que a sala de aula é o meu lugar, é onde devo e quero estar. E, apesar de todas as dificuldades, apesar de ainda não ter exercido a profissão realmente, não consigo me imaginar exercendo e sendo realizada em outra profissão.

Ser educadora não é uma tarefa fácil, exige muito esforço, muita preparação, muita reflexão. Mas acima de tudo, exige paixão, não adianta ser mais um professor em sala de aula, repetindo as mesmas práticas, fazendo com que cada vez mais alunos se desinteressem pela escola, temos que fazer diferente, experimentar novas estratégias, temos que ousar, sair da nossa zona de conforto, dar sempre o melhor de nós para fazer com que todas as crianças aprendam, e ainda melhor, fazer com que elas queiram aprender e façam isso se divertindo.

E isso só é possível se estivermos dispostos a ter muita reflexão sobre o nosso papel na vida de cada educando, se estivermos dispostos a inovar. O que só é provável se formos apaixonados pela nossa profissão e se refletirmos constantemente sobre a nossa prática. Esta é a escolha que fiz para a minha vida, escolhi ser educadora.

Escolhi ser educadora para realmente fazer diferença na vida de algumas crianças. Sempre acreditei que é através da educação que iremos conseguir transformar o mundo em um lugar melhor. E queria fazer parte disto. Queria assumir esta responsabilidade e poder contribuir para a vida das crianças de maneira positiva. E, através da minha prática, contribuir para a sociedade de maneira geral.

Como estudante, sempre percebi que as emoções e a afetividade não eram levadas em consideração nas salas de aula. O que realmente importava era a transmissão dos conteúdos, que todos deveriam assimilar simultaneamente, não importando as questões pessoais da vida de cada um. Isto sempre foi algo que me chamou a atenção e que me incomodava. Pois, em meu ponto de vista, as emoções e a afetividade são fundamentais para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem.

Nos estágios realizados ao longo da graduação, observei também esta questão em algumas crianças. Alguns dos alunos encontravam-se sempre desanimados e apáticos com as atividades propostas, e isto acabava por ocasionar certas dificuldades na aprendizagem. Ao conhecer e conversar com os alunos, fui percebendo que os mesmos enfrentavam diversos problemas pessoais e problemas familiares que não eram levados em consideração na sala de aula.

Refletindo sobre estes casos, percebi o quanto as emoções das crianças interferiam no seu processo de aprendizagem. Apesar de estarem cientes de algumas destas situações, as professoras e a escola nada faziam a respeito. As crianças continuavam a ter que ignorar seus sentimentos e apenas assimilar os conteúdos.

Tudo isso que fora vivido e o que fora observado despertaram meu interesse para entender melhor o papel das emoções e da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. É necessário entender como tudo isto pode interferir na vida pessoal das crianças e, conseqüentemente, na sua vida escolar, para assim, buscar maneiras para saber lidar com estes aspectos em sala de aula e conseguir realmente auxiliar todos os alunos.

O cotidiano escolar é cercado por experiências, tanto positivas quanto negativas, experiências estas que desencadeiam as mais variadas emoções, podendo gerar diversos sentimentos que, muitas vezes, irão interferir no processo de ensino-aprendizagem. As relações e as experiências vividas, tanto em grupo quanto isoladamente, vão construindo

a individualidade de cada uma das crianças. As emoções e os sentimentos têm papel fundamental nesta construção. Nessa perspectiva, o professor desempenha importante influência sobre seus alunos, já que é o mediador da relação que se estabelecerá entre o aluno e o conteúdo a ser aprendido.

O desempenho escolar do aluno está cercado por aspectos que envolvem a vida da criança como um todo, assim como a relação que ela estabelece com seus colegas em sala de aula, com seu professor e outros funcionários da escola, seu convívio familiar e também o seu desenvolvimento individual, estando presente neste último aspecto suas motivações e emoções.

Tendo em vista a importância das emoções e sentimentos, Wallon e Vigotski<sup>1</sup> são importantes autores que pesquisaram e escreveram sobre o tema. Entrei em contato com algumas obras dos autores ao longo da graduação em Pedagogia e logo vi a importância que os mesmos tiveram para a educação. Apesar de serem de épocas distintas da nossa, seus escritos apresentam grande relevância acerca das emoções e de suas influências na vida como um todo e também no âmbito escolar.

Na perspectiva de Wallon (1941), as emoções possuem grande importância no desenvolvimento dos indivíduos, é através delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Segundo o autor a emoção é a exteriorização da afetividade que acompanha o indivíduo desde a infância, unindo a vida orgânica à vida psíquica. O desenvolvimento psíquico da criança é marcado pelo meio social, pelas relações que estabelecem entre os indivíduos.

Como já destacava Vigotski (1987), a linguagem e as emoções são fundamentais no processo de desenvolvimento do indivíduo. Mas poucos autores levam em conta a importância das emoções e da afetividade neste processo. Como afirma Magiolino (2001), ao comentar a perspectiva walloniana:

... a emoção assume fundamental importância no processo de desenvolvimento como um todo, pois está no cerne tanto do processo de construção do conhecimento como de construção da pessoa. Sobretudo, na medida em que possibilita a passagem do mundo orgânico para o social, do campo fisiológico para o psíquico, estando na origem da consciência. Permite à criança a interação com o meio físico e social, estabelecendo relações

---

<sup>1</sup> A opção por esta grafia se deve ao fato de que, após a tradução diretamente do russo para o português, esta é a correspondência mais adequada.

interindividuais, o que pouco a pouco a leva a diferenciação de si mesma em relação ao mundo exterior. (MAGIOLINO, 2001, p. 10)

Dessa forma, a educação deve abranger o desenvolvimento intelectual, físico, moral e afetivo, para assim, constituir o indivíduo global. Diferente do cenário que muitas vezes vemos nas escolas, no qual há muitos alunos com dificuldades de aprendizagem, repetência, evasão, diversos educadores se esquecem de considerar o desenvolvimento afetivo de seus alunos e as várias emoções que permeiam a sala de aula, desestimulando assim as crianças, que se tornam desmotivadas, agravando suas dificuldades de aprendizagem.

Carneiro (2002) realizou uma pesquisa que evidenciou que a dificuldade de aprendizagem se relaciona com o autoconceito que o aluno tem de si mesmo. Essa percepção que o indivíduo tem de si tem sido considerada um dos aspectos afetivo-emocionais que mais influenciam nas dificuldades de aprendizagem. Portanto, a imagem que o aluno tem de si interfere em seu processo de aprendizagem.

Martins e Figueiredo (2011) definem outros fatores que podem causar esta dificuldade nos alunos, como o tipo de metodologia utilizada na sala de aula; currículo escolar que é oferecido aos alunos; a falta de prática de alguns professores; conteúdos e exercícios inadequados; as questões orgânicas; cognitivas; afetivas/emocionais; econômico/ social /culturais pode influenciar no processo da aquisição de aprendizagens bem como também causar transtornos, primeiramente na criança, na família e depois para a escola.

É imprescindível entender o que são as dificuldades de aprendizagem também e como as emoções e a afetividade podem estar relacionadas a elas. Diante disto, podemos também fazer uma relação entre a falta de afetuosidade nas salas de aula com o fracasso escolar, visto que as relações afetivas no âmbito escolar são determinantes para que ocorra a aprendizagem ou não.

Quando a criança entra na escola, ela possui experiências anteriores que lhe permitiram desenvolver uma determinada visão sobre si mesma. Assim, ao chegar neste novo espaço, a criança amplia sua esfera de relações, conhecerá outras crianças e entrará em maior contato com adultos que não pertencem à sua família. Isto tudo, esta interação social, influenciará no desenvolvimento do autoconceito, podendo modificá-lo a todo o momento.

Muitas vezes os professores acabam inibindo seus alunos de expressarem seus sentimentos, suas emoções, preocupam-se somente em transmitir conteúdos e fazer com que os mesmos aprendam matérias pré-determinadas, que em nada se relacionam com a realidade e interesses deles.

Tudo que é vivido e sentido pelos pequenos causa efeito em suas vidas, efeitos estes que poderão interferir futuramente na vida dos mesmos. É necessário então que os educadores repensem o seu trabalho pedagógico, indo além da simples transmissão de conhecimentos, é necessário que escutem seus alunos, deixem que os mesmos expressem suas opiniões e emoções, ajudando assim os pequenos a enfrentar seus problemas.

É impreterível então entender como ocorre o desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional, para assim entender como as emoções podem interferir no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, entendendo a importância dos sentimentos de alunos e professores, conseguiremos lidar melhor com estes aspectos dentro do ambiente escolar.

A compreensão da maneira pela qual as emoções podem interferir no processo de aprendizagem das crianças se faz necessária para entender o processo de desenvolvimento e o papel da afetividade no mesmo. Há diversos aspectos que permeiam as relações de ensino, podemos observar que há muitas crianças com dificuldades de aprendizagem, e é necessário compreender o que ocasiona isto para tentar auxiliar os alunos da melhor maneira possível. Alguns autores como Vigotski (1987), Wallon (1941) dentre outros, já destacavam a importância das emoções para as relações de ensino, colocando-as como aspecto fundamental para o desenvolvimento e consequentemente aprendizado da criança.

Nesse panorama, este trabalho busca compreender o papel das emoções no processo de desenvolvimento das crianças e sua relação com a aprendizagem, em uma perspectiva histórico cultural em Psicologia, a partir do trabalho dos autores Vigotski (1987) e Wallon (1941), com o objetivo de maior conscientização da importância do aspecto afetivo no âmbito educacional.

Após realizar os estágios obrigatórios do curso de Pedagogia, algumas situações vivenciadas me chamaram a atenção para a questão das emoções e da afetividade no

âmbito escolar. Inicialmente, para realizar este trabalho, era pretendido fazer análises de campo e estudos de casos. Iniciei o estágio de educação infantil em uma escola do município de Campinas (SP), com a pretensão de observar especificamente como as emoções e a afetividade eram tratadas na instituição. Porém, meu estágio fora interrompido por uma greve de professores e gestores do município. Isto acabou dificultando o processo de observação, e não foi possível obter material necessário para análise.

Diante destas dificuldades, foi optado por realizar somente uma análise teórica para este trabalho. Para tanto foi necessário entender a relação das emoções com o processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente com as dificuldades de aprendizagem no contexto atual. Foi feito, assim, um levantamento de dados acerca das pesquisas publicadas sobre emoções e da afetividade nas relações de ensino, no processo de aprendizagem, do fracasso escolar e como podem estar relacionadas a isto.

Foi realizado um estudo acerca das relações entre afetividade e aprendizagem na educação, através de um mapeamento de artigos da plataforma digital “SciELO”, dentre o período do ano 2000 a 2016. Após isto, foi feita uma análise e seleção destes artigos a partir da perspectiva histórico-cultural de Vigotski (1987) e Wallon (1941).

O primeiro capítulo, “A afetividade no âmbito escolar: ensino, aprendizagem e fracasso escolar”, trata especificamente das emoções e da afetividade dentro do ambiente escolar, mostrando como as mesmas estão presentes neste ambiente e explana sobre as relações que são estabelecidas em sala de aula entre professores e alunos, trazendo a problemática da afetividade para esta relação e como isto pode interferir no processo de ensino-aprendizagem.

No tópico 1.1, “Relação da afetividade com as dificuldades de aprendizagem”, é colocado que, alunos considerados com dificuldades para aprender são aqueles que, muitas vezes possuem coeficiente de inteligência dentro ou a cima da média, mas mesmo assim, possuem baixo rendimento escolar. Há diversos motivos para que isso ocorra, sendo o principal os sentimentos de fracasso, a ansiedade, a impulsividade, o estresse, que são gerados através das relações estabelecidas no ambiente escolar. Novamente é ressaltado a importância de se aliar a cognição com o aspecto afetivo.

No tópico 1.2, “Relação entre afetividade e o fracasso escolar”, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o fracasso escolar no Brasil e como os diversos autores tentam explicar as suas causas. Muitos ainda colocam a culpa pelo mau desempenho no próprio aluno, outros analisam como problemático o sistema de ensino como um todo. A visão que o aluno tem de si, se sente-se desmotivado ou motivado, capaz ou incapaz, acaba gerando sentimentos que muitas vezes pode prejudicar a sua aprendizagem. Os alunos são muito pressionados para que sempre obtenham boas notas, e se não chegam a este resultado, sentem que não são capazes de aprender.

No segundo capítulo, “Afetividade em uma perspectiva histórico-cultural – compreendendo o trabalho de Vigotski e Wallon”, foi realizado um estudo acerca das ideias e noções dos dois autores, por meio de seus comentadores, para assim, compreender o que os autores entendem como emoção e afetividade e como ambos estão relacionados ao âmbito educacional.

Já no terceiro capítulo, “Apresentação e análise de artigos sobre a relação entre afetividade e aprendizagem”, foi construída uma tabela com os artigos encontrados no site de buscas Scielo, com os descritores “aprendizagem” e “afetividade”, com os seguintes indicadores: título, autor, perspectiva teórica, objetivo, metodologia de pesquisa e área de conhecimento. Foi realizada também uma análise destes artigos.

Por fim, foram feitas as considerações finais sobre o tema, recordando o que fora visto anteriormente, refletindo sobre a importância da temática para o âmbito educacional nos dias atuais. Não se teve, contudo, a pretensão de fazer uma conclusão ou esgotar a discussão, mas sim, o objetivo de refletir sobre o que fora estudado ao longo deste trabalho e as influências que isso trará para a formação de pedagoga e para a prática pedagógica.

## **Capítulo 1 - A afetividade no âmbito escolar: ensino, aprendizagem e fracasso escolar**

O ambiente escolar é um espaço de vivência e convivência, espaço de relações e interações, onde existem muitas diferenças de opiniões, ideias, valores. Há grande diversidade e heterogeneidade. A escola é um espaço de formação humana, permeado por experiências e trocas de conhecimentos. Sendo assim, o ensinar e o aprender são desenvolvidos através dessas interações, tanto entre professor e aluno, quanto aluno e aluno.

Sendo um espaço de multiplicidades, permeado por diferentes valores, culturas, experiências, etc., é onde pode se estabelecer relações difíceis e conflitantes. É nesse espaço de interações que os indivíduos vão se desenvolvendo como sujeitos sociais. Nestas relações, é inevitável que o afeto esteja presente.

Dessa forma, podem ser gerados diversos sentimentos e emoções, tanto positivos quanto negativos. Podemos facilmente observar nas escolas que este aspecto emocional está muito presente e de forma intensa. Entretanto, em nossa sociedade no geral e não sendo diferente no âmbito escolar, há grande dificuldade para lidar com essas emoções, acabando por optar por ignorá-las e atentar-se apenas ao caráter mais prático de nossas experiências.

Assim, a escola, em seus modelos tradicionais, acaba preocupando-se mais com a transmissão de conteúdos do que com os sujeitos que estão presentes neste ambiente em si. As emoções, sentimentos e o afeto, geralmente são ignorados e não é levado em conta o quanto estes aspectos podem interferir no processo de ensino-aprendizagem. A nossa cultura escolar acaba ficando “engessada”, não considerando o contexto e o universo cultural dos alunos, e conseqüentemente não considerando as diversidades e as diferentes necessidades de cada um.

O conhecimento transmitido é concebido por um pensamento excludente e parcializado, o que os deixa distantes da realidade dos alunos. As emoções são excluídas deste processo, são consideradas como perturbadoras do pensamento científico. Esta transmissão de conhecimentos exclui o sujeito em si, as suas ideologias, suas características pessoais, sua posição social, suas crenças e o impede de se sentir

participante do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o cotidiano é excluído em detrimento do estudo de fenômenos gerais.

Alguns autores como Martins (2000), Arantes (2000), apontam para a construção de uma nova visão da racionalidade, que incorpora o papel funcional das emoções e dos sentimentos. Assim, a educação estaria estruturada de forma que não priorize o aspecto cognitivo, mas sim, assumindo funções mais abrangentes que incorporam a formação integral do sujeito. (ARAÚJO, 2003).

Considerando, assim, que o âmbito escolar é um espaço de desejos, afetos e conflitos, presentes sempre na relação de ensino-aprendizagem, no qual ainda existe muito autoritarismo, oposição e interação, os sentimentos dos alunos não podem ser ignorados, eles devem ser levados em consideração na prática pedagógica.

Muitas vezes, vemos crianças desmotivadas, sem vontade para aprender e realizar as atividades, com diversas dificuldades de aprendizagem, e acreditamos que há algum problema de ordem cognitiva, alguma deficiência que precisa ser investigada, mas em muitos casos, o que realmente acontece é uma não consideração do aspecto afetivo, que as faz não se sentirem confortáveis no ambiente da sala de aula, acarretando em diversas perdas para o processo de aprendizagem.

A escola tradicional, ao transmitir os conteúdos, o dissocia da realidade e das necessidades dos alunos, preocupando-se apenas com o desenvolvimento cognitivo. A abordagem do conhecimento acaba ficando fragmentada. Além de utilizar metodologias transmissivas e de passividade ao aluno. Uma escola preocupada com a educação integral incorpora em seu cotidiano o papel dos afetos, dos sentimentos, das emoções, dos valores, reorganizando assim os conteúdos e os espaços, os tempos e as relações interpessoais.

Nesse cenário, muitas vezes, professores utilizam a sua autoridade para menosprezar os alunos, rotulá-los como incapazes, não demonstrando interesse em ouvir o que os mesmos têm a dizer, e acabam por não valorizar os conhecimentos e as vivências trazidas por eles, não relacionando os conteúdos às realidades e fazendo com que os conteúdos sejam distantes e sem significado.

Este uso exacerbado da autoridade do professor pode influenciar no desinteresse nos estudos por parte dos alunos, a inquietação e a agressividade. Um estudo realizado

por Araújo (1995) obteve como conclusão que a boa interação entre educador e educando pode transformar o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para a diminuição das dificuldades de aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem se constroem dentro da sala de aula, através da interação pedagógica e do desajuste desta relação entre professor e aluno. Portanto, podem ser intimamente relacionadas com a afetividade.

Quando esta relação de respeito, amizade e harmonia é estabelecida, conseguimos observar diversas mudanças positivas no comportamento dos alunos, como maior motivação para realizar as atividades, maior interesse pelos estudos e mais esforço para que o sucesso escolar seja alcançado. Ribeiro (2008) constatou que os alunos demonstram maior interesse por disciplinas nas quais os professores se relacionaram de forma afetuosa com seus alunos, elogiando-os, incentivando-os, dialogando, se interessando por suas vidas pessoais e demonstrando afeto.

Nos dias atuais, o papel do professor tornou-se muito mais abrangente, é necessário ir além da transmissão de conteúdos e ser realmente um parceiro na construção dos conhecimentos junto com os alunos. Esta parceria implica uma nova atitude, uma nova maneira de entender o contexto da sala de aula e seus estudantes.

Dessa forma, é fundamental construir a prática pedagógica pautada na formação em uma abordagem pessoal e de maneira vivencial, a partir do contato direto. Entretanto, estas mudanças de atitude e de prática pressupõe uma mudança no currículo do educador, o que geralmente não ocorre nos cursos de formação.

A reformulada Lei de Diretrizes e Bases no Brasil (1999), no que concerne à formação de professores, assinala que uma educação de qualidade deve desenvolver diferentes capacidades “cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal” (BRASIL, 1999, pág. 25). É ressaltado que, ao se estabelecer relações afetivas, isto será repercutido na prática pedagógica, e assim, os professores criarão as condições ideais para que ocorra a integração social de seus alunos.

Assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) também salientam o desenvolvimento de capacidades “de relações interpessoais, cognitivas, afetivas, éticas, estéticas,... para que o aluno possa dialogar de maneira adequada com a comunidade,

aprenda a respeitar e a ser respeitado, a escutar e a ser escutado, a reivindicar seus direitos e a cumprir seus deveres” (BRASIL, 1997, pág. 46).

Novamente, observamos a importância destacada dos aspectos afetivos serem incorporados à prática pedagógica. Isto já nos mostra algum avanço neste sentido. Ao orientar que os educadores devem considerar, além das capacidades cognitivas, as afetivas também, estes documentos nos mostram certa preocupação com a instância emocional das crianças e nos mostram a não preocupação somente com os conteúdos a serem ensinados, mas também com a formação do sujeito crítico em si.

Isto nos indica também a nova necessidade de os educadores desenvolverem novas competências e novos saberes, que vão além dos intelectuais. Para tal, é necessário rever o currículo dos professores, incluindo conteúdos para o processo de formação para melhor adaptá-los às novas exigências da escola e da sociedade como um todo. Assim como expõe Ribeiro (2010),

As novas orientações para a formação dos professores exigem, das instituições de formação, dentre outras medidas, revisão da abordagem pedagógica e adoção de uma abordagem de desenvolvimento de competências profissionais. Essas competências dizem respeito, segundo os textos ministeriais, por um lado, ao domínio cognitivo (por exemplo, o papel da escola, o conhecimento pedagógico, a articulação interdisciplinar, o processo de pesquisa, a gestão pessoal do desenvolvimento profissional) e, por outro lado, ao engajamento nos valores estéticos, políticos e éticos. (RIBEIRO, 2010).

A dimensão afetiva, segundo os Referenciais para Formação de Professores (1999), tem como objetivo o respeito mútuo, o diálogo, a solidariedade, o reconhecimento e o respeito à diversidade. Assim como assinala Toro (2002), a afetividade está relacionada à ética e os fatores que a integram são a capacidade de identificação, a abertura à diversidade, o altruísmo e a capacidade de estabelecer laços e relações. É exposto nos Referenciais para Formação de Professores que,

A formação deverá preparar o professor, especificamente para o... desenvolvimento cognitivo, para os aspectos afetivos, físicos, socioculturais e éticos, segundo os valores ligados aos princípios estéticos, políticos e éticos que guiam a educação escolar numa sociedade democrática; ... adoção de uma atitude de acolhida em relação aos alunos e a seus familiares, de respeito mútuo e de engajamento à justiça, ao diálogo, à solidariedade e à não violência. (BRASIL, 1999, p.69).

Apesar de estes documentos trazerem esta nova ideia para a formação de educadores, que considera os aspectos afetivos, o que vemos acontecendo na realidade é

diferente do que é proposto. Ainda continuamos a ver professores despreparados para lidar com as emoções em sala de aula, que utilizam o autoritarismo e criam um clima hostil e que não se preocupam com nada além da transmissão de conteúdos, que não se preocupam com a formação pessoal de cada aluno e a ouvir o que os mesmos têm a expressar.

Nos dias atuais, são diversas as demandas exigidas ao professor, como, por exemplo, o uso de tecnologias em classe, a aplicação de políticas de inclusão, isso faz com que os educadores tenham que, com urgência, privilegiar estes conteúdos ligados ao aspecto cognitivo, muitas vezes deixando de lado o estudo sobre o domínio afetivo e não o levando em consideração ao ministrar as aulas. Mas isto não justifica a não inclusão de saberes da dimensão afetiva no currículo de formação de professores.

Uma pesquisa realizada por Leite e demais colaboradores (2012), que visava analisar a dimensão afetiva na mediação pedagógica em sala de aula, apontou que todas as decisões planejadas e desenvolvidas pelos professores produzem fortes impactos afetivos nos alunos.

Algumas decisões que o professor assume no desenvolvimento prático, terão consequências afetivas na relação que se estabelecerá entre o aluno e os conteúdos de ensino, tais quais: a escolha dos objetivos de ensino, na qual é sempre refletido valores, crenças e concepções, é necessário que o objetivo de ensino possua relevância reconhecida pelos alunos, o que na maioria dos casos não ocorre, diminuindo a possibilidade de que se estabeleçam vínculos afetivos entre os alunos e os objetivos abordados; a decisão sobre o início do processo de ensino, segundo a pesquisa realizada por Leite (2012), é muito importante que o ensino se inicie a partir daquilo que os alunos já sabem sobre o conteúdo, assim, diminui-se as chances de fracasso prematuro do aluno e as relações afetivas negativas que o aluno estabelecerá com o objeto (conteúdo); a organização dos conteúdos de ensino, os mesmos não podem ser aleatórios, devem estar organizados de maneira lógica e gradual, para que o aluno estabeleça ligações entre os conteúdos; a escolha dos procedimentos e atividades de ensino, a maneira pela qual o professor ministra a aula está ligada às relações que irão se estabelecer, atividades bem escolhidas e desenvolvidas aumentam as chances de aprendizado e conseqüentemente será estabelecida uma relação afetiva de aproximação entre aluno e conteúdo; a escolha dos procedimentos de avaliação do ensino, os

resultados não podem ser utilizados contra o aluno, assim como classificações, comparações, ranqueamento, a avaliação deve ser condizente com o processo de aprendizagem e o aluno deve identificar o real sentido e a importância da mesma. Como afirma Leite (2012),

...é possível defender que a afetividade está presente em todas as decisões assumidas pelo professor em sala de aula, produzindo continuamente impactos positivos ou negativos na subjetividade dos alunos. Trata-se, pois, de um fator fundante nas relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. A qualidade da mediação pedagógica, portanto, é um dos principais determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre os sujeitos/alunos e os objetos/conteúdos escolares. (LEITE, 2012).

Há diversos obstáculos que tornam difícil a prática educativa, é necessário investir na formação profissional dos professores em respeito aos conteúdos da dimensão afetiva. Há muita falta de preparo para exercer a profissão nestes aspectos, há poucos programas de formação que realmente preocupam-se em desenvolver a competência afetiva na relação educativa.

A prática pedagógica não pode continuar sendo desenvolvida dissociada da vida dos indivíduos, tanto educandos quanto educadores, já que todos são seres históricos, providos de sentimentos, emoções, vontades e opiniões, e isto tudo interfere em suas ações e suas atitudes.

A ação pedagógica, muitas vezes, é vista como complexa, já que exige dos professores, além do domínio cognitivo, a capacidade para motivar e incentivar os alunos, dando especial atenção para as dificuldades que apresentarem, estimulando a cooperação em sala de aula, dialogando e respeitando as diferenças que surgirem, valorizando assim, a diversidade cultural e permitindo que os alunos expressem as suas opiniões e sentimentos.

A afetividade torna-se então um importante aspecto para contribuir para a motivação dos estudantes diante do que lhes é exigido no currículo, e conseqüentemente, para que a aprendizagem realmente ocorra e seja significativa. E ainda assim, a afetividade ainda é um tema ignorado por diversos atores escolares e nos cursos de formação de docentes.

Esta relação afetiva que deve ser construída entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, este diálogo, cooperatividade, respeito mútuo, saber

escutar e saber lidar com as emoções, são fundamentais para que ocorra a aprendizagem e para que isto não ocorra de maneira penosa, mas sim de maneira agradável, de maneira motivacional.

Martinelli (2006), em seu livro “Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica” discute as relações interpessoais na escola com ênfase na relação professor-aluno, sua influência no processo afetivo e cognitivo e suas consequências no desempenho acadêmico; ressalta a necessidade de o professor conhecer as consequências de seu comportamento no de seus alunos e sua possibilidade de intervenção para alterar a dinâmica pessoal.

Dias (2012) afirma que a qualidade da interação entre aluno e professor influencia na aprendizagem. É necessário que o professor tenha consciência da importância da afetividade e com isso reflita sobre suas atitudes em sala de aula, para que assim, ele consiga realmente estar atento ao que acontece e afeta seus alunos, podendo auxiliá-los na busca de soluções para seus problemas.

Portanto, a interação do indivíduo com o outro e com o objeto de conhecimento é mediada pela emoção, é ela a responsável pela socialização do indivíduo, pela formação da personalidade do mesmo, da construção da consciência de si. Por meio da emoção que a criança supera a dependência do outro e prossegue construindo seu conhecimento, “alimentando-se da cultura”, como um sujeito ativo. (DIAS, 2012, p.08).

A função da escola deve ir além da simples instrução padronizada, da transmissão de teorias. É na escola e através das interações vivenciadas ali que aprendemos a viver em sociedade, a respeitar e ser respeitado, a ouvir e ser escutado. É na escola que deveríamos aprender a ser cidadãos críticos. E não apenas a obedecer a regras que visam nos moldar, decorar conteúdos pré-determinados, os quais os alunos se quer veem significado em aprender.

Nessa perspectiva, a escola desempenha imensa responsabilidade, não só em aspectos pedagógicos como nos não pedagógicos que surgem na rotina também. É na sala de aula que formaremos sujeitos, dotados de concepções e conceitos, sentimentos e opiniões. Cada vez mais temos que enfrentar os problemas que decorrem das diferenças e da pluralidade cultural e social. E isso não pode ser ignorado.

É neste cenário de respeito mútuo que a afetividade se faz presente. São as experiências vivenciadas na sala de aula que irão permitir as trocas afetivas positivas,

aquelas que aproximam o aluno do conteúdo e do professor, que irão marcar a vida dos alunos e assim, favorecer a sua autonomia e a sua confiança nas suas capacidades e nas suas decisões. A qualidade da interação entre professor e aluno é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

Se o aluno gosta do ambiente da escola e da sala de aula, se sente confortável ali, é bem tratado, é respeitado, se consegue ver sentido no que aprende, a escola se tornará alvo de projeções afetivas positivas pelo aluno, será algo de valor para ele. Mas, por outro lado, se ele é humilhado constantemente, se duvida da sua capacidade intelectual e social, é desrespeitado, este ambiente será alvo de projeções afetivas negativas, não sendo valorizado pelo mesmo.

O professor deve ter consciência da relação entre aspecto cognitivo e aspecto afetivo, pois assim, poderá se atentar para sua prática pedagógica, não valorizando apenas o caráter intelectual, mas também todos os outros sentimentos que permeiam o universo infantil e conseqüentemente a sala de aula. Desta forma, é possível controlar e reverter sentimentos negativos, e também buscar uma maneira positiva de explorar o desejo de aprender. Assim como explicita Araújo (2003),

O trabalho pedagógico precisa ser interessante, ter sentido para a vida de alunos e alunas e, por isso, acredito que o emprego de novas tecnologias, de novas ferramentas, de outras linguagens, pode ajudar no trabalho docente para que suas aulas tornem-se mais próximas das linguagens com que os adolescentes e as crianças de hoje estão acostumadas a conviver. Empregar essas novidades como ferramentas, como recursos metodológicos, aliados a metodologias mais dinâmicas e dialógicas que promovam mudanças nas relações, nos espaços e nos tempos escolares, aumentará a probabilidade de que os conteúdos tradicionais e éticos trabalhados pelos docentes sejam alvo de projeções afetivas positivas por parte dos alunos e alunas, e possam constituir-se como valor para ambos. (p. 162).

Visto desta forma, é imprescindível que no contexto escolar consideremos esta relação entre a afetividade e a aprendizagem, tomando-a como essencial na prática pedagógica e não a colocando como uma alternativa para quando queremos realizar uma atividade diferenciada com os alunos. É necessário que ela seja realmente incorporada na prática e no dia-a-dia da sala de aula.

Já que os conhecimentos são construídos através da ação e da interação, os alunos irão aprender pela mobilização de suas atividades mentais e também pela interação com o outro, na troca de conhecimentos. Assim, a sala de aula é concebida como um espaço de formação, de humanização, na qual a afetividade se faz presente e

deve ser utilizada em favor da aprendizagem, já que aspectos cognitivos e afetivos são relacionados e indissociáveis. Visando, desta maneira, a formação integral do sujeito, sujeito este dotado de opinião, sentimentos e questionamentos, que é capaz de se expressar e problematizar as questões sociais presentes na sociedade em que vive. Amenizando dessa forma também as dificuldades de aprendizagem dos alunos, que serão explorados no tópico seguinte.

### **1.1 – Relação da afetividade com as dificuldades de aprendizagem**

Em relação aos estudos sobre dificuldades de aprendizagem, tem-se discutido a necessidade da disposição afetiva positiva para aprender. Dessa forma, cognição e emoção são indissociáveis e são imprescindíveis na compreensão do sucesso escolar do aluno.

Assim, torna-se pertinente a realização de estudos que tratem dos fatores afetivos no sentido de clarificar os processos psicológicos que subjazem às cognições envolvidas no processo de aprendizagem. De modo geral, considerando os estudos pesquisados, pode-se dizer que o baixo desempenho acadêmico está relacionado a problemas psicológicos como instabilidade emocional, imaturidade, ansiedade, impulsividade, agressividade, maiores necessidades de realização e baixo autoconceito. (RUEDA, BARTHOLOMEU e SISTO, 2006).

Nesse cenário, o aspecto socioafetivo é considerado uma das áreas em que a aprendizagem gira ao redor, ou seja, é um fator que pode estar relacionado às dificuldades de aprendizagem. (SISTO e MARTINELLI, 2006).

Nessa perspectiva, é necessário entender o que compreendemos como dificuldade de aprendizagem. Definir uma criança com dificuldade de aprendizagem é bastante complexo, já que envolve uma multiplicidade de conceitos, modelos, hipóteses, etc. Alguns autores a entendem como algo com caráter intrínseco ao indivíduo, devido a disfunções no sistema nervoso central, e outros que acreditam que a mesma ocorre por diferenças culturais não reconhecidas pela escola.

Segundo Sisto (2001), a maioria dos autores entende dificuldade de aprendizagem como “relacionadas a um grupo heterogêneo de transtornos e a dificuldades significativas de aquisição e de uso da recepção, da fala, da leitura, da escrita, do raciocínio e das habilidades matemáticas, e também por se referirem a

dificuldades intrínsecas, que podem ocorrer ao longo da vida. ” (BAZI e SISTO, 2006, pág. 57).

O que nos indica a dificuldade de aprendizagem é o baixo rendimento e/ou o fracasso escolar. As discrepâncias observadas entre a capacidade mental e o baixo desempenho refletidos em resultados escolares insatisfatório caracterizam os indivíduos com dificuldades de aprendizagem. Os mesmos apresentam coeficiente de inteligência dentro ou muitas vezes acima da média, mas manifestam rendimento escolar abaixo da média em algumas áreas. (SISTO, 2001).

Podemos relacionar as dificuldades de aprendizagem às variáveis psicológicas já que existem diferenças individuais que facilitam ou dificultam a aquisição de conteúdos, há diferenças na capacidade para responder emocionalmente a situações de esforço e tensão. Dessa forma, baixo desempenho, problemas para organizar o pensamento, dificuldades para recordar conteúdos, dificuldade quanto à utilização do potencial, foram relacionados negativamente a alguns problemas psicológicos como sentimentos de fracasso, ansiedade, impulsividade, estresse, dentre outros. (BAZI e SISTO, 2006).

Durante a escolarização, a criança pode passar por algumas situações de fracasso, ao não obter êxito nas demandas escolares, podem ser gerados sentimentos de frustração. Martinelli (2001) afirma que a afetividade direciona os interesses, influenciando assim, a quantidade de energia empregada em cada ato, na medida em que os sentimentos que este ato desperta no sujeito.

Assim como fora visto anteriormente, alguns estudos recentes destacam a relação entre o aspecto cognitivo com o emocional, sendo necessária uma disposição afetiva para que ocorra a aprendizagem. Esta disposição é manifestada por atitudes, interesse e confiança nas capacidades cognitivas, para que assim, o aluno alcance melhor desempenho. Pesquisas realizadas por Watts (1979) e Wenz-Gross e Sipertein (1997), já apontavam que os problemas de aprendizagem podem advir de aspectos emocionais que comprometem a comunicação da criança. (SANTOS, RUEDA e BARTHOLOMEU, 2006).

Alguns autores como Burochovitch e Martinelli (2001) averiguaram as manifestações emocionais de crianças que apresentaram problemas escolares, tais quais déficit de atenção, ansiedade, desadaptação, agitação, e apontaram a presença de

ansiedade e imaturidade emocional no controle de impulsos e organização do pensamento, e dificuldades para superar as demandas sociais. Isso consequentemente gera os sentimentos de fracasso e uma autoimagem depreciativa. (RUEDA, BARTHOLOMEU e SISTO, 2006).

Como veremos a seguir, esta visão, centrada no aluno, é criticada por alguns autores, a exemplo de Sawaya (2004), pois não leva em consideração o sistema de ensino como um todo, as relações estabelecidas dentro do ambiente escolar e o quanto o aluno pode ser afetado por isto.

Levando-se em consideração o que fora citado acima, fica evidente a pertinência de estudos referentes aos fatores afetivos, não apenas para explanar o entendimento acerca do estudante, assim como também entender as implicações cognitivas que se estabelecem ou responsabilizá-lo pelas dificuldades.

Monteiro e Gaspar (2007) destacam também a importância dos processos interativos em sala de aula, dando ênfase aos aspectos subjetivos e emocionais, que podem criar obstáculos no ensino e igualmente na aprendizagem, a partir de um estudo da teoria de Vygotski. São-nos expostos três sentimentos decorrentes de experiências emocionais negativas por parte do aluno, que dificultam a interação entre aluno e professor: a indiferença, quando a relevância das atividades propostas não é reconhecida; o embaraço, há um constrangimento por desempenhar determinada atividade; e a frustração, o aluno sente-se incapaz de realizar as atividades.

## **1.2 – Relação entre afetividade e o fracasso escolar**

O fracasso escolar é um dos problemas mais estudados e pesquisados na atualidade na área da educação. Mas sempre houve certa preocupação acerca do tema, a exemplo dos estudos de Patto (1999), que buscou compreender as origens do fracasso escolar, baseando-se em teorias racistas do período de 1850 a 1930. As pesquisas iniciais sobre o fracasso escolar apontavam as causas das dificuldades de aprendizagem não no indivíduo, mas sim nos métodos, que deveriam ser determinados pela observação do indivíduo (este representando a natureza humana e não a especificidade de cada um) e de suas capacidades, o que denominaram de fatores intra-escolares. Vivia-se a crítica à escola tradicional e formulou-se uma nova concepção de criança,

reconhecendo a sua especificidade psicológica (mérito dos proponentes da escola nova). (PATTO, 1999).

Mais recentemente, autores como Martins e Del Prette (2005), afirmam que a crença que o indivíduo tem a respeito do seu sucesso ou fracasso escolar produzem diferentes emoções e sentimentos. As manifestações afetivas associam-se à motivação do aluno, às expectativas de sucesso, ao autoconceito, etc.

Diversas pesquisas como as de Martini e Boruchovitch (1999) e Nunes (1990), já confirmam que, este sentimento de fracasso nas atividades escolares, desencadeiam diversas emoções negativas, prejudicando ainda mais a visão de si e a aprendizagem.

Estudos indicam que alunos com baixo desempenho escolar tendem a internalizar a culpa pelo insucesso vivido na escola e a interpretar as próprias dificuldades de aprendizagem como consequência da falta de capacidade, uma atribuição geralmente percebida como interna, estável e incontrolável, que pode acarretar sérios prejuízos ao autoconceito, à auto-eficácia, às expectativas de sucesso futuro, à motivação e à persistência destes alunos na tarefa. (MARTINI e DEL PRETTE, 2005).

É importante que, dentro do ambiente escolar, os alunos sintam-se confortáveis e não se sintam pressionados pelas dificuldades que possuem. O aluno não deve se sentir inferior ou comparado com algum outro colega, para que não desenvolva sentimentos negativos relacionados a si mesmo ou aos conteúdos abordados.

Cobramos dos alunos bons resultados, exigimos que todos cheguem ao mesmo resultado, ao mesmo tempo, sem considerar suas dificuldades ou facilidades. Em nosso sistema escolar atual, no qual atribuímos uma nota para tudo o que é realizado pelo aluno, são avaliados apenas resultados prontos, não considerando o processo de aprendizagem como um todo. A nota serve como “moeda de troca”, e quando não é atingida, há uma consequência negativa, uma punição.

Com isso, os alunos acabam por sentirem-se pressionados a sempre obter sucesso em tudo que realizam, a sempre serem obrigados a acompanhar o mesmo ritmo que seus colegas. Isto acaba gerando uma ansiedade para obter sucesso, o que, por diversas razões que serão analisadas no capítulo seguinte, muitas vezes não ocorre, gerando então o sentimento de incapacidade e culpa pelo insucesso. Estes sentimentos negativos irão interferir na autoimagem do aluno, na sua motivação e na sua vontade de aprender. E cada vez mais sentimentos negativos serão construídos, prejudicando assim,

o processo de ensino-aprendizagem como um todo e gerando consequências futuras na vida do aluno.

A questão do fracasso ainda é um grande desafio a ser enfrentado na educação no Brasil, que perdura desde meados dos anos 1930. Estudos realizados mostraram que os mais atingidos pelo fracasso escolar são os alunos de classes sociais mais baixas, com maiores dificuldades financeiras. Isto mostra uma seletividade do sistema de ensino. (SAWAYA, 2004).

Na tentativa de entender os motivos que ocasionam o fracasso escolar, estudiosos da educação, ao longo dos anos, foram desenvolvendo estudos e teorias. A maioria destes estudos são voltados para as características dos estudantes em relação à motivação, aprendizagem e desenvolvimento mental, buscando assim, nas características individuais, as justificativas para as dificuldades escolares. Estes estudos são mais conhecidos como “psicologia das diferenças individuais”, e deram origem à mais difundida teoria sobre a explicação para o fracasso escolar no Brasil. Nessa perspectiva, o fracasso escolar é entendido como algo pertencente individualmente ao aluno, e não ao sistema escolar, já que, coloca a responsabilidade pelo mau desempenho nas características individuais. Essa teoria trouxe grandes influências nos diferentes campos da educação no Brasil. (SAWAYA, 2004).

Uma das teorias bastante difundida é a da carência cultural, que se baseia na ideia de que o fracasso escolar dos alunos de camadas populares mais baixas se deve à privação cultural consequente de suas precárias condições de vida.

As explicações para as suas deficiências são encontradas na suposta existência de problemas psíquicos de natureza emocional ou na suposição de que o ambiente carente em que vivem gera deficiências cognitivas, psicomotoras, perceptivas, afetivas, emocionais e de linguagem que as impedem de se saírem bem na escola. (SAWAYA, 2004, p. 199).

As causas do fracasso escolar ainda são concentradas no indivíduo, inferindo que possui deficiências nas funções psiconeurológicas. Atribui-se assim, papel determinante da experiência e da aprendizagem no desenvolvimento de processos psicológicos.

Mas muitos autores fazem críticas à teoria da carência cultural, já que a mesma considera que as classes populares são desprovidas de cultura, considerando apenas a classe dominante como produtora de cultura. A maneira pela qual se avalia

intelectualmente os alunos também é criticada, já que se baseiam em visões limitadas da inteligência humana, pressupondo como universais os conhecimentos somente adquiridos na escola.

A outra teoria existente é conhecida como “teoria da diferença cultural”, diferente da anterior que possui a ideia de deficiência ou privação cultural. Esta teoria baseia-se no pressuposto de que o aluno pobre fracassa na escola porque difere dos alunos de classe média e alta, e não porque seja portador de deficiências. Esta é a visão com maior adesão entre educadores atualmente e tem auxiliado na definição das novas políticas educacionais. (SAWAYA, 2004).

Afirma-se que as crianças de camadas populares falam uma linguagem diferente das crianças de outras classes sociais, resolvem problemas escolares de maneira distinta, possuem valores, padrões culturais que diferem substancialmente de outras crianças e daqueles propostos pela escola e pela sociedade em que vivem. Assim, os problemas escolares que resultariam em fracasso se devem a uma disparidade cultural entre os padrões de classe média que organizam as práticas e as concepções da escola e aqueles apresentados por essas crianças. (SAWAYA, 2004, p. 200)

Assim, exigimos os mesmos resultados de crianças de classes populares e de classes altas, sem lhes dar as mesmas oportunidades. Este é um problema que perdura até os dias atuais, a exemplo das provas de vestibular. É necessário entender que, esses indivíduos privados socialmente, são pertencentes de uma cultura diferente, cultura essa não reconhecida e desvalorizada pela escola.

Como já fora explorado anteriormente, a escola é um espaço de organização cultural, no qual há muitas trocas e produção de conhecimentos. Portanto, é necessário que se investigue como o próprio sistema escolar produz o fracasso escolar. Ao invés de buscar as causas da dificuldade de aprendizagem em características pessoais, é necessário analisar os mecanismos intra-escolares na seletividade social da escola. (SAWAYA, 2004).

Estes estudos focalizados no sistema escolar como um todo, apontaram deficiências nas escolas públicas, como precariedade das condições materiais, administrativas e pedagógicas; precariedade da situação dos professores (formação e condições de trabalho); excesso de atividades burocráticas; qualidade do ensino oferecido e dos materiais pedagógicos empregados e a falta de infraestrutura.

Dessa forma, é colocado no centro de análise a instituição escolar e a relação da escola com a sociedade. Assim, o fracasso escolar é produzido pela multiplicidade de fatores que interferem no processo de escolarização, no qual professores e alunos são sujeitos sociais que estão em constante relação.

A escolarização dos alunos, nessa visão, é concebida como um processo histórico tecido por todos os que se defrontam diariamente em cada unidade escolar. Isto é, trata-se de um processo vivido cotidianamente, no qual os indivíduos comparecem por inteiro e em que são postos em funcionamento seus sentimentos, suas capacidades, suas paixões, seus interesses e vontades particulares, suas ideias e ideologias. (SAWAYA, 2004).

## **Capítulo 2 – Afetividade em uma perspectiva histórico-cultural – compreendendo o trabalho de Vigotski e Wallon**

Os sentimentos modificam o pensamento, a ação e o entorno;  
a ação modifica o pensamento, os sentimentos e o entorno;  
o entorno influi nos pensamentos, nos sentimentos e na ação;  
os pensamentos influem no sentimento, na ação e no entorno.

José Antonio Marina.

Durante um longo período, seguindo-se o legado deixado por Descartes e pela filosofia cartesiana, separou-se o homem em duas partes distintas: o corpo e a mente. É o que chamamos de “concepção dualista”. Separando assim, duas correntes de estudos, uma voltada para as ciências naturais e outra próxima da filosofia, buscando compreender as volições humanas (OLIVEIRA e REGO, 2003).

Esta separação perdurou por muito tempo, vimos o aspecto racional ganhar maior destaque em detrimento do aspecto emocional, este, muitas vezes entendido como o lado sombrio da natureza humana, e dessa forma, seria então função da razão controlar a emoção. Mas, mais recentemente, sobretudo no final dos anos noventa e início de 2000, muitos estudos, principalmente no campo da neurologia, da psicologia, da antropologia e da sociologia, têm sido feitos questionamentos sobre esta separação e sendo proposta uma nova visão. Estudos como o de Damásio (2004), enfatizam a importância das emoções nos processos de raciocínio e tomada de decisões.

Inspirado por Espinosa, importante filósofo racionalista do século XVII, contrapondo-se a abordagem dualista, que não considera a separação entre razão e emoção, entre corpo e mente, preconizada por Descartes, Vigotski já se preocupava em superar o tradicional dualismo razão versus emoção, para assim, compreender o ser psicológico completo, com seus aspectos cognitivo e afetivo de modo integrado (OLIVEIRA e REGO, 2003). Para Vigotski (2003), o pensamento humano só é possível de ser compreendido quando compreendemos sua base afetivo-volitivo.

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou

outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra sua desnecessária e impotente. (VIGOTSKI, 1993, p. 25).

É necessário entender que o homem é um ser completo, que pensa e sente simultaneamente, razão e emoção são indissociáveis. Desde muito cedo a emoção está presente em nossas vidas, desde o nascimento, o bebê é dotado de sentimentos e emoções, e ao longo do tempo, estas emoções vão se intensificando de acordo com a interação do indivíduo com a cultura e com os demais pares.

Nessa perspectiva, segundo as autoras Oliveira e Rego (2003), Vigotski faz uma distinção entre as emoções primitivas originais, que são, por exemplo, a raiva, a alegria, o medo, e as emoções superiores complexas, que por sua vez são a melancolia, o despeito, etc. A qualidade das emoções vai se alterando de acordo com o desenvolvimento cognitivo da criança. A primeira possui origem biológica, surge do instinto, mas de acordo com o desenvolvimento, estas emoções vão se transformando e se constituindo como fenômeno histórico e cultural.

Entretanto, esta análise das autoras é questionável, já que Vigotski, em suas obras, não admite essa separação entre emoções inferiores ou primitivas e emoções superiores, culturais. Esta outra visão, defendida por Magiolino (2010), na tese “Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski”, considera que todas as emoções humanas são culturalmente construídas.

É através da interação do indivíduo com a cultura, com as outras pessoas que ele irá aprender a agir, a pensar, a falar e também a sentir. Portanto, as emoções possuem fortes vínculos com a cultura e com o meio em que se vive também. Assim, é função da teoria psicológica compreender os mecanismos pelos quais os processos filogenéticos, que estão presentes desde tenra idade, são constituídos com os processos culturais e sociais. Tanto processos cognitivos quanto afetivos, o pensar e o sentir, são dotados de conceitos, relações e práticas sociais, constituindo-os como fenômenos históricos e culturais.

Para Vigotski (2004), as emoções são caracterizadas por intensas motivações que influenciam e organizam nossos comportamentos e nossas ações. As emoções são compreendidas como integradas com a personalidade. Assim, as mesmas fazem parte de um processo histórico complexo que envolve as relações estabelecidas.

Podemos afirmar assim que as emoções são construídas culturalmente. As reações e os sentimentos desencadeados para uma mesma situação, mas em sociedades culturalmente diferentes, podem ser bastante divergentes. Além disso, cada sujeito possui singularidades, o que nos remete à constituição subjetiva do mesmo e ao conceito de personalidade, que é entendida por Vigotski como um sistema complexo integrador da vida psíquica individual e vai de acordo com o sentido que as experiências têm para o sujeito.

Assim, por meio do modelo vygotskyano, é possível concluir que as funções psíquicas humanas estão intimamente vinculadas ao aprendizado, à apropriação (por intermédio da linguagem) do legado cultural de seu grupo. Esse patrimônio, material e simbólico, é o conjunto de valores, conhecimentos, sistemas de representação, construtos materiais, técnicas, formas de pensar e de se comportar que os seres humanos constroem ao longo de sua história. E isto implica uma ação partilhada, já que é por intermédio dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas. O longo caminho do desenvolvimento humano segue, portanto, do social para o individual. (REGO, 2003).

Quando olhamos para os comportamentos do homem e a atividade de criação e imaginação, de acordo com Vigotski, podemos diferenciar dois tipos de atividades. A primeira é a reprodutiva, em que os meios de conduta são reproduzidos de acordo com os que já existiam anteriormente, é feita uma repetição do que já existe. Dessa forma, a adaptação do sujeito ao mundo é facilitada, já que o mesmo chega ao mundo com padrões e condutas já determinados. A base orgânica dessa atividade reprodutiva é a plasticidade de nossa substância nervosa, ou seja, aquilo que é alterado e conserva marcas dessa alteração. A modificação feita deixa marcas que não podem ser apagadas, estímulos fortes ou que se repetem, abrem novas formas de pensar em nosso cérebro. (MAGIOLINO, SMOLKA, 2009).

O segundo tipo de atividade é a criadora, é quando criamos novas imagens e novas ações diante de situações não experienciadas anteriormente. Todas as experiências vividas são importantes, mas neste caso, o cérebro reelabora de forma criadora novos comportamentos. Dessa forma, o sujeito consegue modificar o seu presente, modificando também o seu futuro. Essa atividade criadora, é denominada pela

psicologia como imaginação ou fantasia, ligadas à formação de imagens sensoriais e/ou mentais. A criação ocorre então quando se imagina, combina, modifica e se cria algo novo. (MAGIOLINO, SMOLKA, 2009).

Desde tenra infância nosso processo de criação é iniciado, expressado nas brincadeiras. Apesar de muito reproduzirem e imitarem em suas brincadeiras, muito se é criado e apropriado pela criança. É realizada uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. Ao brincar, a criança vivencia diferentes papéis, reconhecendo emoções e sentimentos e experienciando-os. Dessa forma, a criança torna-se ativa em relação as suas emoções, podendo identifica-las e transformá-las. (MAGIOLINO, 2015).

Vigotski (2004) defende a centralidade da imaginação e da fantasia na educação, levando em consideração os sentimentos. Destaca-se assim, a importância do brincar no desenvolvimento infantil, pois é fundamental para a construção de complexos processos psicológicos. É através da brincadeira que a criança se apropria de elementos de sua cultura e os incorpora ao seu ser, desenvolvendo assim afetos, sentimentos e emoções.

As emoções se (trans)formam ao longo da vida, ao longo da história. Nesse movimento, entram em relação com outras funções – a memória, o pensamento, a imaginação – e passam a afetá-las e a ser afetadas por elas, expressam-se de maneira integrada ou até mesmo por meio dessas funções. Desse modo, surgem relações complexas entre as funções psicológicas e modifica-se o vínculo da emoção com as demais funções. (MAGIOLINO, 2010).

Já Wallon (1968) compreende o desenvolvimento humano centrado no processo de relação entre quatro núcleos funcionais: a cognição, a afetividade, o movimento e a pessoa. O desenvolvimento ocorre então através da interação entre estes quatro núcleos, entre processos biológicos e o ambiente social. Ou seja, ambos são indissociáveis. (GALVÃO, 2003).

O autor se recusa a selecionar um único aspecto do indivíduo e separá-lo do conjunto. Propõe o estudo integrado do desenvolvimento, abarcando a afetividade, a motricidade e a inteligência. Para o autor é necessário contextualizar a criança em suas relações com o meio em que vive, para, então entender o desenvolvimento. Podemos definir o projeto teórico de Wallon como a elaboração de uma psicogênese da pessoa completa, como afirma Galvão (2003).

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e

de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (apud. WALLON, 2007, p. 198).

Wallon (1968) faz uma distinção entre o conceito de afetividade e emoção. Para ele, as emoções são “sistemas de atitudes que corresponde, cada uma, a uma determinada espécie de situação” (WALLON, 1968 pág. 148), ou seja, são manifestações de estados subjetivos, com caráter orgânico, que são classificadas de acordo com o grau de tensão referente à experiência vivida. Apresenta três propriedades: a plasticidade, que é a capacidade de refletir sobre o corpo os seus sinais; a contagiosidade, podendo contaminar o outro com sua emoção; e por último a regressividade, que é a capacidade regredir as atividades ao raciocínio.

Já a afetividade, para o autor, se refere à capacidade do sujeito de ser afetado pelo mundo, tanto externo quanto o interno, podendo vivenciar situações consideradas agradáveis ou desagradáveis e reagindo às mesmas de determinada maneira. A afetividade é um conjunto de manifestações mais amplas, integrado pela emoção, que possui origem biológica, pelo sentimento, que possui origem psicológica, e pela paixão.

Na medida em que o indivíduo vai se desenvolvendo e se relacionando com os demais, ocorrem novas exigências afetivas, a afetividade vai ampliando as formas de expressão e vai ganhando complexidade. Irá se constituir mais tarde no desenvolvimento, envolvendo as vivências mais complexas, fazendo assim, apropriação dos processos simbólicos da cultura, que possibilitam a representação.

No livro “A evolução psicológica da criança”, Wallon (2007) expõe a indissociabilidade entre o desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico do homem, ambos sofrem ações recíprocas. O ser humano age sobre o seu meio assim como o seu meio age sobre ele. (GALVÃO, 2003).

Ao apontar a base orgânica da afetividade, a teoria walloniana nos explicita o lado orgânico na formação da pessoa, ao mesmo tempo em que o meio social vai transformando esta afetividade orgânica, complexificando-a e fazendo com que suas manifestações sejam cada vez mais sociais. Dessa forma, há uma união entre o corpo e o meio social, ou seja, o mundo é inseparável do sujeito, mas, por sua vez, este sujeito é um projeto do mundo.

Assim, emoção e cognição coexistem no sujeito durante todos os momentos, embora Wallon defenda que, nas diferentes etapas do desenvolvimento, há predomínio

de um sobre o outro. Como Almeida (1999) explica, “a inteligência não se desenvolve sem afetividade, e vice versa, pois ambas compõem uma unidade de contrários” (p. 29).

Wallon e Vigotski apresentam pontos comuns em seus posicionamentos sobre afetividade. Ambos possuem uma concepção desenvolvimentista acerca das manifestações afetivas, que, ganham complexidade na medida em que o indivíduo se desenvolve na cultura, passando a atuar no universo simbólico e se tornando mais complexas em suas manifestações. Os autores assumem o caráter social da afetividade, e que a mesma possui relação com a inteligência, sendo fundamental para o desenvolvimento humano.

Essa crença na oposição entre cognitivo e afetivo, foi um dos mitos culturais que mais influenciou em nosso comportamento, e, conseqüentemente, na forma como ambos foram tratados na área educacional. O pensamento lógico é considerado calculista, enquanto as emoções são associadas aos impulsos. O primeiro é aquele que levaria o indivíduo a atitudes racionais e inteligentes, e, portanto, é o mais valorizado pela educação, que visa atingir elevado grau de inteligência. Já o segundo, é visto como algo que deve ser evitado pela educação formal, já que é algo mais individual e pessoal (SOUZA, 2003).

A produção de conhecimento é um processo que ocorre a partir da relação entre o sujeito (aluno) e o objeto (conteúdos abordados), sendo assim, o sujeito tem participação ativa, podendo elaborar suas ideias, hipóteses, relações, etc. No ambiente escolar, este processo é correspondente às relações entre o aluno e os conteúdos abordados.

Esta relação entre sujeito e objeto é mediada por agentes culturais, e a maneira pela qual é mediada determina a qualidade desta relação. Geralmente, este mediador entre sujeito e objeto, é o professor, e esta interação com o mediador é também marcada pela afetividade. Ou seja, não é suficiente abarcar somente a esfera cognitiva, mas também considerar as repercussões subjetivas nos sujeitos. Portanto, a qualidade desta relação de mediação, que pode ser de aproximação ou de afastamento, é de fundamental importância para que ocorra a aprendizagem. A prática pedagógica é também muito marcada pela afetividade.

Quando esta mediação pedagógica permite que o aluno se aproprie realmente do conteúdo abordado, ocorre a aprendizagem significativa, que é aquela que consideramos de sucesso, e dessa forma, há grandes possibilidades de ser estabelecido um vínculo afetivo positivo, o qual aproxima o aluno e o conteúdo. Quando o aluno consegue observar o seu sucesso no processo de aprendizagem, quando ele percebe que realmente aprendeu, é quando irá ocorrer a aproximação positiva entre sujeito e objeto. Por outro lado, quando a relação afetiva for negativa, ocorrerá um afastamento entre o sujeito e o objeto.

Vale ressaltar a diferença de significados entre o termo “afetividade” e o termo “afetuosidade”. Afetividade, como já fora exposto antes, é utilizado para demarcar a suscetibilidade que o indivíduo vivencia em determinadas alterações que ocorrem no mundo exterior ou em si próprio, como sentimentos, emoções, paixões, etc. É constituída nas vivências do sujeito e na qualidade das mesmas, se são agradáveis ou desagradáveis. Já afetuosidade pode ser definida como a demonstração de carinho através de gestos, palavras, atitudes.

Portanto, quando falamos em práticas pedagógicas afetivas, não necessariamente as mesmas são afetuosas. Arantes (2003) ressalta a necessidade de

...incorporarmos, no cotidiano de nossas escolas, o trabalho sistematizado com os sentimentos e afetos, rompendo com aquelas concepções educacionais que fragmentam os campos científico e cotidiano do conhecimento, e as vertentes racional e emocional do pensamento. Para tanto, precisamos ter coragem para mudar a educação formal e transformar os sentimentos, as emoções e os afetos em objetos de ensino e aprendizagem. (ARANTES, 2003, p. 124).

As emoções e a afetividade estão desde sempre presentes em nossas vidas e são de fundamental importância para o desenvolvimento humano e, posteriormente, para o processo de ensino-aprendizagem. No campo educacional, é recente a discussão que se faz acerca da afetividade, que desde muito tempo fora ignorada e utilizada apenas para justificar a dificuldade para se lidar com aqueles que estariam fora do padrão escolar.

Ao tratarmos da teoria walloniana na educação, estaremos nos referindo a uma formação da pessoa completa e engajada, não separada do mundo. O desenvolvimento intelectual não é então a meta máxima e exclusiva educação, mas sim, um meio para que se chegue ao maior desenvolvimento da pessoa.

A formação do sujeito deve estar atrelada às mudanças sociais, o mesmo deve ser engajado neste processo de mudança. Além disso, o processo de construção da personalidade deve trazer consigo a necessidade de expressão, ou seja, exteriorizar-se, colocar-se em confronto com o outro.

Nos dias atuais há ainda certa dificuldade para lidar com a relação cognição e afetividade. Isso se deve ao fato de possuímos poucos modelos integrais de compreensão do homem pela reflexão pedagógica. Esta questão abrange diversos fatores, como os biológicos, psicológicos, sociais, culturais, todos com seu devido valor e importância. É necessário então não nos deixarmos fixar no reducionismo, que é bastante comum no campo educativo.

A educação do sujeito integral deve visar o

desenvolvimento integral da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa. Para isso não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. (GADOTTI, 2000, p. 10).

Assim, o desafio da proposta educativa nesta perspectiva de formação integral do sujeito, é não se tornar apenas mais um instrumento de adequação das pessoas aos modelos de opressão, que dominam as relações sociais atuais. Nessa perspectiva, os conteúdos e a aprendizagem não devem ser associados à ideia de um indivíduo qualificado para compor o mercado de trabalho e não exercer sua cidadania, sabendo expressar-se e contribuir para a mudança social. Isto distorceria a visão dialética, política e crítica de Vigotski e Wallon.

### **Capítulo 3 – Apresentação e análise de artigos sobre a relação entre afetividade e aprendizagem**

Tendo em vista a perspectiva teórica de Vigotski e Wallon acerca das emoções e da afetividade, a importância das mesmas na relação entre professor e aluno para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem, foi realizada uma pesquisa de artigos na plataforma digital Scielo com os componentes de pesquisa “aprendizagem e afetividade”, para assim, analisar de que forma este tema vem sendo tratado na atualidade.

Após analisar as teorias acerca das emoções e da afetividade de Vigotski e Wallon, e também a relação das mesmas no âmbito educacional, considero importante explorar também o que os diversos autores têm escrito sobre o tema atualmente e como têm se apropriado das teorias de Vigotski e Wallon. Para assim, analisando os conteúdos disponíveis referentes ao tema, escrever sobre o mesmo e tirar minhas próprias conclusões.

A partir das palavras chaves inseridas, “aprendizagem e afetividade”, foram encontrados 31 artigos, entre os anos de 2004 a 2016, de variadas áreas de conhecimento. Porém, diversos artigos do site de busca apresentaram erro ao serem abertos, não sendo possível explorá-los, outros não estavam de acordo com a temática escolhida para este trabalho. Sendo assim, ao final foram analisados 17 artigos. Todos foram analisados a partir de sete categorias determinadas: o título do artigo, o autor, a perspectiva teórica, o objetivo do artigo, a metodologia da pesquisa, a área de conhecimento e a relação da afetividade com a educação. A seguir, será apresentada a tabela feita para sistematizar as informações sobre cada um dos artigos, e após a apresentação da tabela, será feita uma análise trazendo as colaborações dos mesmos para a temática deste trabalho.

Tabela de pesquisas encontradas no site de busca Scielo

TÍTULO	AUTOR	PERSPECTIVA TÉORICA	OBJETIVO	METODOLOGIA DA PESQUISA	ÁREA DE CONHECI- MENTO
“Afetividade e metacognição em percepções de estudantes sobre sua aprendizagem em física”	Pereira, Marta Maximo; Abib, Maria Lucia Vital dos Santos	Perspectiva histórico-cultural (Vigotski)	Investigar como as percepções dos estudantes sobre sua aprendizagem em Física se relacionam a aspectos cognitivos, afetivos e metacognitivos que permeiam tais processos	Pesquisa de campo	Educação em Ciências
“Socialização e afetividade no processo de inclusão digital: um estudo etnográfico”	Bolzan, Larissa Medianeira; Lobler, Mauri Leodir	Não explicitada	Analisar o impacto dos efeitos sociais e afetivos na inclusão digital	Estudo etnográfico	Sociologia
“A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina”	Duarte, Anaísa Caparroz; Almeida, Débora Vieira de; Popim, Regina Célia	Perspectiva fenomenológica	Descrever como os alunos do quarto e sexto ano de graduação em medicina humana lidam com situações que envolvem a morte	Pesquisa de campo	Medicina
“Os ‘novos’ educadores dos programas de educação integral: uma análise das práticas educativas dos agentes culturais”	Dayrell, Juarez; Geber, Saulo	Não explicitada	Defender a tese de que a relação entre agentes e alunos cumpre uma importante função formativa na prática desses profissionais	Levantamento bibliográfico	Educação
“Hacia la personalización Del e-Learning: la afectividad y su repercusión em el bienestar subjetivo”	Hernández-Sánchez, Alba María; Ortega-Maldonado, Alberto	Não explicitada	Propor um modelo de e-Leraning afetivo	Levantamento bibliográfico	Psicologia

“A práxis docente nos ambientes virtuais de aprendizagem no contexto da dialogicidade”	Tonelli, Elizangela; Souza, Carlos Henrique Medeiros de; Almeida, Fabrício Moraes de	Perspectiva histórico-cultural (Vigotski)	Identificar alguns aspectos da comunicação escrita dentro dos fóruns que comprometem a afetividade e a motivação do aluno	Levantamento bibliográfico e estudo de caso	Educação
“Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos”	Loos-Sant’ana, Helga; Gasparim, Liege	Perspectiva psicogenética (Wallon)	Defender que o fortalecimento dos vínculos entre criança e adulto contribui para os processos de ensino-aprendizagem	Pesquisa empírica	Educação
“Afetividade, ensino e aprendizagem: um estudo no GT20 da ANPEd”	Tassoni, Elvira Cristina Martins; Santos, Angélica Niero Mendes de	Não se aplica	Rastrear as produções científicas mais recentes que discutem a afetividade e sua relação com os processos de ensino e aprendizagem	Levantamento bibliográfico	Educação e Psicologia
“Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares”	Sousa, Rogério Gonçalves de; Bastos, Sandra Nazaré Dias	Perspectiva psicogenética (Wallon)	Mostrar a necessidade de discutir acerca da relação exclusão/inclusão, as diferenças vistas como a especificidade do ser humano e da afetividade	Levantamento bibliográfico	Educação
“Discursos epistemológicos de afetividade como princípios de racionalidade para educação científica e matemática”	Sousa, Rogério Gonçalves de; Bastos, Sandra Nazaré Dias	Perspectiva epistemológica	Compreender o papel da afetividade no processo de cognição	Pesquisa qualitativa	Educação em Ciências

“A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário”	Veras, Renata da Silva; Ferreira, Sandra Patrícia Ataíde	Perspectiva psicogenética (Wallon)	Investigar como a postura do professor, em sala de aula, tem implicações sobre a experiência de aprendizagem positiva de estudantes universitários	Pesquisa de campo	Educação e Psicologia
“A afetividade na relação educativa”	Ribeiro, Marinalva Lopes	Não explicitada	Analisar as características dos professores em exercício no Brasil e a falta de inter-relação entre os aspectos cognitivos, emocionais e afetivos	Pesquisa de campo	Psicologia
“Autoestima e desempenho escolar em matemática: contribuições teóricas sobre a problematização das relações entre cognição e afetividade”	Hazin, Izabel; Frade, Cristina; Falcão, Jorge Tarcísio da Rocha	Não explicitada	Investigar conexões existentes entre aspectos afetivos e cognitivos no contexto da aprendizagem escolar	Pesquisa de campo	Educação
“Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky”	Oliveira, Maria Eunice de; Stoltz, Tania	Perspectiva histórico-cultural (Vigotski)	Analisar a importância da interação social e da arte no desenvolvimento humano	Levantamento bibliográfico	Educação
“Efeitos aversivos das práticas de avaliação da aprendizagem escolar”	Leite, Sérgio Antonio da Silva; Kager, Samantha	Perspectiva histórico-cultural (Vigotski)	Identificar e analisar as possíveis relações entre as práticas de avaliação da aprendizagem e os seus efeitos aversivos na vida escolar, presente e futura, de alunos	Levantamento bibliográfico e pesquisa de campo	Educação

“As emoções nas interações e a aprendizagem significativa”	Santos, Flávia Maria Teixeira dos	Perspectiva neurobiológica (Damásio)	Aprofundar a consideração explícita da vertente emocional do conhecimento e da aprendizagem significativa	Levantamento bibliográfico	Educação
“Representações sociais de professoras sobre afetividade”	Ribeiro, Marinalva Lopes; Jutras, France	Não explicitada	Discutir a compreensão do conteúdo e da estrutura das representações sociais de professores do ensino fundamental sobre afetividade	Pesquisa de campo e levantamento bibliográfico	Psicologia

Dentre os artigos analisados, quatro são da perspectiva histórico-cultural (Vigotski), três são da perspectiva psicogenética (Wallon), um é da perspectiva fenomenológica, um é da perspectiva epistemológica, um é da perspectiva neurobiológica (Damásio), um não é possível de ser aplicado e em seis artigos não foi possível identificar a perspectiva teórica a qual se referem.

O artigo “Afetividade e metacognição em percepções de estudantes sobre sua aprendizagem em física”, faz uma investigação sobre como a as percepções dos estudantes sobre a sua aprendizagem em física se relacionam aos aspectos cognitivos, afetivos e metacognitivos. Foi realizado um questionário com alunos do ensino médio de uma instituição federal do Brasil, com perguntas como: o que o aluno acha que influenciou para que aprendesse os conteúdos, o que acha que influenciou para que não aprendesse, dentre outras.

Os alunos que responderam o questionário colocaram justificativas para as suas percepções e/ou mencionaram elementos do contexto vivenciado nas aulas, o que

evidencia a presença do aspecto metacognitivo. Assim, foi possível afirmar que o que mais influenciou na aprendizagem dos estudantes foram as características da perspectiva de ensino do professor e as características pessoais dos alunos.

O aspecto afetivo foi identificado na análise das respostas dos alunos, pois quando os mesmos gostavam do conteúdo estudado e estabeleciam boa relação com o professor, consideravam que conseguiam aprender de maneira eficaz. A maioria dos alunos colocaram como justificativa para dificuldades características individuais ou do professor. Ou seja, o aspecto cognitivo foi visto como fundamental para a aprendizagem destes alunos, mas a afetividade, as vivências escolares também foram pontuadas como essenciais para que a aprendizagem pudesse ocorrer.

O artigo “Socialização e afetividade no processo de inclusão digital: um estudo etnográfico”, faz um estudo sobre a evolução tecnológica e da atual produção científica sobre o tema da inclusão digital, assim como analisa os efeitos sociais e afetivos, através de um estudo etnográfico. Foi realizado um levantamento bibliográfico acerca das desigualdades sociais e como, atualmente, as novas tecnologias podem agravar esta situação e ocasionar a exclusão digital.

É ponderado que, aqueles que se sentem incluídos no processo digital, têm sua autoestima mais elevada, pois se sentem seguros ao manipular o equipamento tecnológico e se sentem mais capazes, com maiores expectativas frente ao mercado de trabalho, conseqüentemente, se sentem mais motivados para aprender a mexer nas novas tecnologias. Alguns autores como Vianna e Lovisollo (2001), afirmam que a afetividade é um elemento fundamental no processo de inclusão social, pois, além da inclusão, possibilita a transformação subjetiva dos indivíduos nas relações com a sociedade, bem como no acesso aos bens e serviços disponibilizados por ela.

A relação que o aluno estabelece com o professor que lhe ensina a manusear os equipamentos é fundamental, o ambiente em que se aprende, a relação que estabelece com seus pares, atividades adequadas também interferem na motivação do aluno para aprender e se sentir seguro.

O artigo “A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina”, trata-se de um estudo qualitativo com alunos de graduação de medicina do quarto e sexto período que lidam com situações de morte durante seus estudos. O objetivo do

artigo é entender qual a percepção destes alunos em relação a situação de morte e como estes lidam com a mesma.

Segundo o artigo, os graduandos do quarto período que participaram da pesquisa acreditam ser fundamental a presença do professor nesta experiência com a situação de morte, para estes, a presença do professor é amenizadora em relação as situações desagradáveis a qual estão expostos. Isto também ocorre pela expectativa de aprendizagem que é criada.

Já para os alunos do sexto período, vivenciar esta experiência de morte é muito mais técnica e permite aprendizado e incorporação do tema no cotidiano médico, basicamente devido a experiência que possuem. Sendo assim, a afetividade e a presença do profissional médico durante o aprendizado são fundamentais para os alunos, uma vez que, além de gerar aprendizado em si, também ameniza as situações a que os alunos estão expostos.

No artigo “Os ‘novos’ educadores dos programas de educação integral: uma análise das práticas educativas dos agentes culturais”, é feita uma discussão sobre os resultados de uma pesquisa que buscou compreender a inserção de novos perfis profissionais em experiências de Educação Integral pública brasileira. Estes profissionais, que geralmente são da própria comunidade próxima a escola, estabelecem uma relação de proximidade e de afetividade com os educandos, e através desta relação, os agentes mediam processos de aprendizagem, socialização, sociabilidade e desenvolvimento integral.

Por meio destas oficinas, são reforçados saberes escolares e também são proporcionados novos saberes, que ajudam no desenvolvimento integral dos sujeitos que ali participam. Nestes programas de educação integral, é oferecida uma relação mais próxima com o educando, assim como cuidados com a saúde física e mental. A reflexão que o artigo nos traz é sobre a formação dos profissionais, para que os mesmos estejam preparados para construir uma relação de proximidade com os educandos e que estejam abertos para refletir sobre sua prática.

O artigo “Hacia la personalizaci3n del e-Learning<sup>2</sup>: la afectividad y su repercusi3n en el bienestar subjetivo” faz um levantamento bibliogr3fico acerca dos modelos te3ricos que tratam das emo33es no processo de aprendizagem. Atrav3s do estudo, se concluiu que h3 a necessidade de desenvolver espa3os de aprendizagem adequados para que ocorra a aprendizagem de todas as crian3as. Dessa forma, 3 proposto um modelo de e-Learning afetivo, n3o apenas para acrescentar conhecimentos de conte3dos, mas sim para fazer aflorar emo33es positivas que ajudem o sujeito a se sentir bem e conseqüentemente aprender melhor.

Apesar de as emo33es serem sempre muito repreendidas no ambiente escolar, os autores do artigo entendem que as mesmas s3o fundamentais para que ocorra a aprendizagem. Visto esta defici3ncia no sistema de ensino, prop3e-se a constru33o de um programa de e-Learning que tenha como principal objetivo valorizar as emo33es e a afetividade, que seja mais inclusivo, inovador e avan3ado em rela33o aos outros modelos, e que possa ajudar todos os alunos no processo de aprendizagem ao longo de suas vidas.

O artigo “A pr3xis docente nos ambientes virtuais de aprendizagem no contexto da dialogicidade”, faz uma discuss3o sobre as ferramentas tecnol3gicas nos ambientes virtuais de aprendizagem, conhecida como AVA. Quando estas ferramentas s3o utilizadas como a33es motivadoras e afetivas, tornam-se potencializadores para se aprender. 3 destacada a import3ncia da comunica33o, a linguagem utilizada deve ser motivacional, para que assim, seja afetiva. O objetivo deste estudo foi identificar alguns aspectos da comunica33o escrita dentro dos f3runs que comprometem a afetividade e a motiva33o do aluno, tendo em vista que esses fatores s3o considerados essenciais para aprendizagem.

Foi poss3vel concluir que, o professor que atua como tutor a dist3ncia n3o deve focar somente nas interven33es conceituais e reflexivas, mas tamb3m nas afetivas e que, essencialmente, o mais importante nesse processo 3 que as atividades pedag3gicas, assim como a comunica33o e a intera33o sejam permeadas pelo sentimento de acolhimento, respeito, simpatia e aprecia33o, al3m da aceita33o e compreens3o.

---

<sup>2</sup> e-Learning significa “aprendizagem eletr3nica”, corresponde a um modelo de ensino n3o presencial apoiado em tecnologia.

No artigo “Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos”, foi realizada uma pesquisa empírica com 24 crianças de cinco anos e duas professoras de uma escola pública a partir de cinco instrumentos: desenhos com relatos, filmagens livres, jogo gira-gira, emocionômetro (instrumento que auxilia as crianças a verbalizarem as emoções advindas de situações vivenciadas no cotidiano da escola) e autoscopia (autoanálise das filmagens, quando o participante entrevistado era chamado para fazer a confrontação da imagem de si na tela). Isto para defender que o fortalecimento dos vínculos entre criança e adulto contribui efetivamente para o processo de ensino-aprendizagem.

Analisando os resultados da pesquisa realizada, foi observado que as situações vividas pela criança na escola, tanto com professor quanto com seus pares, possuem grande significação na vida da mesma. A linguagem e a maneira pela qual a professora se relacionava com os alunos também foi destacada na pesquisa. A relação que a criança estabelece com o adulto são referenciais para a elaboração da sua personalidade. O educador deve então, construir um ambiente harmonioso e afetuoso na sala de aula, para assim ajudar no desenvolvimento das crianças e fazer com que a aprendizagem seja significativa.

O artigo “Afetividade, ensino e aprendizagem: um estudo no GT20 da ANPEd”, nos traz um levantamento bibliográfico dos trabalhos apresentados no GT20 – Psicologia da Educação da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), com o objetivo de rastrear as produções científicas mais recentes que fazem uma discussão acerca da afetividade e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem. Foi construído um panorama a respeito dos estudos sobre afetividade para analisar o que vem sendo estudado sobre o tema recentemente.

Em um período de onze anos, 273 produções sobre o tema da afetividade foram apresentadas no GT20. Dentre as 24 produções selecionadas pelo autor, sete foram discutidas a partir das contribuições de Wallon, duas produções abordaram a afetividade segundo as contribuições de Wallon e Vigotski, cinco basearam-se na Psicanálise, uma produção que fez uma discussão entre os pressupostos de Vigotski e Freud no que diz respeito ao afeto e à emoção, uma abordou a questão da afetividade sob a perspectiva behaviorista, apenas uma trouxe a afetividade discutida sob a perspectiva da abordagem

centrada na pessoa, duas basearam-se nos estudos de Maturana, uma se fundamentou nas ideias adaptadas de Abric, dentre outros.

Estes dados coletados nos permitem concluir que o tema da afetividade vem ganhando espaço nas discussões educacionais, mas ainda assim há ainda muito o que se explorar sobre a temática, principalmente no que se refere à discussão da interdependência entre aspecto cognitivo e afetivo nos ambientes de aprendizagem. Os principais teóricos que estão sendo utilizados para apoiar as pesquisas são Wallon e Freud. Mas é destacada a importância de continuar pesquisando e explorando o tema, que ainda é pouco debatido.

O artigo “Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares”, tem como objetivo discutir sobre a relação inclusão e exclusão, as diferenças vistas como a especificidade do ser humano e da afetividade, aspecto imprescindível para a aprendizagem. A tríade afetividade-aprendizagem-inclusão é de fundamental importância para o processo educativo.

É necessário minimizar a exclusão escolar que ocorre no sistema educativo brasileiro, sendo assim, a educação deve valorizar qualquer diferença, olhar o aluno como ele é, trazer a cultura desse mesmo aluno para a sala de aula e, conseqüentemente, para o interior da escola, estimular a criação de práticas em um agir comprometido com as maneiras de transpor o conteúdo e torná-lo crítico, reflexivo e criativo, criar oportunidades de construir políticas de inclusão com novas formas de intervenção, garantindo a participação de todos.

A afetividade é uma maneira pela qual podemos incluir qualquer educando no ambiente escolar. A mesma é mediadora entre a aprendizagem e os relacionamentos desenvolvidos em sala de aula. É sempre importante também se levar em consideração as vivências de cada aluno em sua realidade social e cultural. A permanência do mesmo na escola depende da aceitação, da motivação e da autoconfiança que ele percebe quando entra no ambiente escolar. Estes são fatores que podem facilitar a aprendizagem.

O aspecto afetivo possibilita o desenvolvimento de relações afetuosas, permitindo assim que acontecimentos exteriores, quando positivos, organizem o comportamento dos educandos, para que assumam o compromisso com a sua

aprendizagem. O mesmo deve ser incorporado no âmbito educacional, para que assim, possamos modificar o imaginário do fracasso escolar e enfrentar a exclusão escolar.

O artigo “Discursos epistemológicos de afetividade como princípios de racionalidade para a educação científica e matemática”, busca compreender o papel da afetividade no processo de cognição, em uma perspectiva que valoriza aspectos indissociáveis do sujeito, admitindo que este se constrói e constrói conhecimento em diversos domínios de raciocínio, inclusive emocionais. Para tal, foram utilizados relatos de professores de matemática, nos quais fica evidente que a afetividade influenciou no processo de ensino-aprendizagem.

Nestes relatos, é possível observar que a relação que fora estabelecida entre o professor e os alunos foram determinantes para que ocorresse a aprendizagem ou não. Foi relatado que, alunos que apresentavam dificuldades para aprender, reduziram suas resistências cognitivas ao receberem estímulos e serem incentivados. Quando o aspecto afetivo era valorizado, os problemas em relação ao aspecto cognitivo eram amenizados. Todos os professores cujos relatos foram recolhidos, chegaram à conclusão que os sentimentos são influenciadores e determinantes para que a aprendizagem ocorra.

No artigo “A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário”, foi investigado como a postura do professor em sala de aula tem implicações sobre a experiência de aprendizagem positiva de estudantes universitários, em uma turma do 1º período e outra do 3º período do curso de Graduação em Pedagogia, de uma universidade pública situada na cidade de Recife-PE. Foram realizadas quatro observações nas turmas e entrevistas com quatro professores e oito alunos e posteriormente, foi feita uma análise dos dados recolhidos diante de duas perspectivas: postura do professor em sala de aula e a experiência de aprendizagem do aluno e aspectos positivos e negativos na relação afetiva entre professor-aluno em sala de aula.

As autoras ressaltaram tradicional valorização do aspecto cognitivo em detrimento do afetivo e a importância de se articular estas duas dimensões. Analisando a postura do professor em sala de aula, foi constatado que o professor exerce um importante papel de mediação, que poderá favorecer ou não à construção do conhecimento pelo aluno. A postura do professor irá afetar diretamente a aprendizagem do aluno.

A partir das observações e entrevistas, foi possível perceber a importância da presença da afetividade positiva, tanto nas relações do professor com os alunos, quanto na prática pedagógica do mesmo, que deve incorporar um planejamento da disciplina, levando em consideração as características e as possibilidades dos alunos, devem ser escolhidos procedimentos adequados de ensino, deve ser feita também uma avaliação coerente, acompanhando o aluno e dando assistência durante todo o processo de aprendizagem.

Tanto os professores quanto os alunos admitiram que, ao adotarem sentimentos de acolhimento e atenção no processo ensino-aprendizagem, bem como ao tomar decisões comprometidas com o desenvolvimento de todos, favorecendo a compreensão, aceitação e valorização do outro, possibilitam a promoção de uma experiência positiva da aprendizagem.

O artigo “A afetividade na relação educativa”, analisa o fato de que, apesar de a afetividade ser considerada como fundamental em diversos documentos científicos, a mesma ser tão negligenciada na prática educativa. Buscando explicar este problema, foram analisadas características dos professores em exercício no Brasil, a falta de inter-relação entre os aspectos cognitivos, emocionais e afetivos e a insuficiência de obras relativas à afetividade na relação educativa.

Uma das principais características dos professores em exercício apontada é a impulsividade, movida pela crença na possibilidade de transformar o destino das crianças, da escola e da educação. A falta de qualificação, os salários insuficientes, a instabilidade profissional, a deterioração na carreira de professor e a precariedade das condições de trabalho contribuem para o sentimento de angústia vivido pelos professores e para seu baixo nível de autoestima. Isto prejudica o processo de ensino e consequentemente a aprendizagem.

É exigido do professor, não somente ensinar conteúdos, mas também motivar e incentivar os estudantes, dar atenção às suas dificuldades e ao seu progresso, estimulá-los em seus estudos, ouvi-los, respeitá-los e estar disposto a auxiliá-lo não somente na vida escolar, mas também em suas vidas individuais. Dessa forma, a afetividade possui papel fundamental no ambiente escolar. Apesar desta importância, segundo a autora, pouco ainda é pesquisado e discutido sobre o tema.

O artigo “Autoestima e desempenho escolar em matemática: contribuições teóricas sobre a problematização das relações entre cognição e afetividade”, investiga conexões existentes entre aspectos afetivos e cognitivos no contexto da aprendizagem escolar, notadamente em termos das relações entre autoestima e desempenho em matemática. Foi realizada uma pesquisa com vinte alunos do Ensino Fundamental II, a fim de identificar o nível de autoestima dos mesmos.

Através desta pesquisa, foi identificada a existência de conexões entre aspectos cognitivos e afetivos no desenvolvimento infantil em relação à aprendizagem, mais especificamente na aprendizagem de conteúdos escolares matemáticos esperados para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Há uma conexão entre a autoestima e o desempenho escolar em matemática.

No artigo “Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky”, é feito um levantamento bibliográfico das obras de Vigotski a respeito da importância da interação social e da arte no desenvolvimento humano, o que pressupõe, além da dimensão cognitiva, a afetividade. Além de discutir a realização de atividades teatrais na escola como prática educativa motivadora da aprendizagem, da interação social e da expressão individual dos sujeitos.

É destacada a importância da interação social, já que assim, a criança tem acesso aos modos de pensar e agir de acordo com o seu meio. A expressão artística, afirmou Vygotsky, é uma necessidade intrínseca do ser humano. Além de se tornar meio de externar positivamente emoções e sentimentos como ansiedade, agressividade, medo, raiva, angústia, as atividades artísticas podem ser trabalhadas de modo que os sujeitos conheçam melhor aos outros e a si mesmo, criando condições para a reflexão a respeito das próprias atitudes e possibilidades de mudança na convivência social.

Portanto, o teatro pode ser um ótimo aliado para a educação, já que ajuda na exteriorização de sentimentos. A arte é um elemento fundamental para a vida e que pode contribuir na construção de uma sociedade composta de cidadãos que saibam situar-se integralmente entre as suas dimensões afetiva e cognitiva.

O artigo “Efeitos aversivos das práticas de avaliação da aprendizagem escolar”, tem como objetivo discutir os efeitos aversivos das práticas tradicionais de avaliação da aprendizagem escolar. Foram realizadas entrevistas com jovens do último ano do ensino

médio, identificando os aspectos aversivos do processo de avaliação da aprendizagem escolar, bem como os seus efeitos nos alunos.

As avaliações de aprendizagem ainda seguem o modelo tradicional, e são utilizadas como mecanismo de manutenção e reprodução das condições sociais. Portanto, pode-se considerar autoritária, já que não é construída coletivamente. A classificação dos alunos é o principal objetivo. Leite e Tassoni (2002,) apontam que " ... a avaliação torna-se profundamente aversiva quando o aluno discrimina que as consequências do processo podem ser direcionadas contra ele próprio" (p. 16).

A partir dos relatos dos alunos que participaram da pesquisa, foi possível afirmar que a avaliação se constitui como um dos pontos problemáticos do nosso sistema de ensino, podendo afetar profundamente a qualidade de vida escolar dos alunos. As práticas de avaliação envolvem a dimensão afetiva, não se restringindo apenas aos aspectos cognitivos. Desta forma, devem ser planejadas e desenvolvidas como um instrumento sempre a favor do aluno e do seu processo de apropriação do conhecimento.

É necessário repensar os mecanismos de avaliação. Os autores do artigo fazem a proposta para que seja incorporada a avaliação diagnóstica, pois é compatível com a pedagogia inclusiva e direcionada para a transformação social, assim como para o desenvolvimento integral dos alunos.

O artigo "As emoções nas interações e a aprendizagem significativa", faz um levantamento bibliográfico acerca da teoria da aprendizagem significativa, que considera a educação como o conjunto de experiências cognitivas, afetivas e psicomotoras que contribuem para o desenvolvimento do estudante.

Assim como é colocado no artigo, "A aprendizagem significativa subjaz à integração construtiva entre pensamento, sentimento e ação que conduz ao engrandecimento humano" (MOREIRA, 2000, p. 43). Para que a aprendizagem significativa ocorra, é preciso que o estudante esteja predisposto a aprender e se sinta motivado, ou seja, há uma exigência afetiva.

Os estudos realizados concluem que os aspectos que promovem uma relação mais motivadora nos alunos com o conhecimento estão relacionados não só à competência do professor na contextualização dos conteúdos e nas interações

estabelecidas em sala. As emoções e os sentimentos são determinantes para o envolvimento e para a motivação do estudante.

No artigo “Representações sociais de professores sobre afetividade”, é discutida a compreensão do conteúdo e da estrutura das representações sociais de professores do ensino fundamental sobre afetividade, visando descrever como esses professores representam a competência afetiva na relação educativa e destacar a organização do conteúdo das representações de afetividade. Representações sociais são entendidas como formas de conhecimento do senso comum.

Os professores que participaram do estudo foram orientados a escrever um adjetivo que descrevesse o que, para eles, é afetividade. As principais palavras escritas foram, respectivamente: amor, carinho, compreensão, respeito, amizade, afeto, solidariedade, doação, dedicação, entre outras. Possibilitando assim concluir que a afetividade é concebida como um sentimento, que a mesma é importante para o ensino e para a aprendizagem na medida em que contribui para a criação de um clima de compreensão, de confiança, de respeito mútuo, de motivação e de amor.

Na pesquisa, observou-se que os professores atestam que a afetividade é importante para que se estabeleça uma melhor relação educativa entre professores e alunos, favorável, conseqüentemente, à aprendizagem dos conteúdos escolares. Mas também, os professores confirmaram que os cursos de formação nas universidades não dão devido destaque à competência afetiva na relação educativa.

Tendo em vista os artigos analisados, sete baseiam-se nas teorias de Vigotski e Wallon, ressaltando a importância da afetividade na vida dos sujeitos e suas implicações no âmbito educacional. A afetividade, entendida como a capacidade do sujeito de ser afetado pelo mundo, tanto externo quanto o interno, podendo vivenciar situações consideradas agradáveis ou desagradáveis e reagindo às mesmas de determinada maneira, nas múltiplas pesquisas foi colocada como fundamental para que a aprendizagem ocorra. Apesar de pertencerem a outra época e a outro contexto social, as teorias de Vigotski e Wallon são ainda muito relevantes e dizem muito sobre nosso sistema escolar atual.

Os artigos que pertencem a outras perspectivas teóricas, também colocam a afetividade como central para o processo de ensino-aprendizagem. Apesar de seguirem

linhas distintas de pesquisa, os artigos chegam à conclusão que a afetividade está presente na vida de todos os sujeitos e a mesma interfere no âmbito educacional, podendo trazer contribuições positivas ou negativas, dependendo da maneira como será estabelecida pelos sujeitos em questão.

A diferença dos artigos que pertencem a outras perspectivas teóricas é que, tomam outra linha de pesquisa, focam em temas como a inclusão digital, em matérias específicas como matemática e física, na inclusão e na exclusão escolar, etc., trazendo a problemática da afetividade para esses campos em específico, e não suas implicações para o desenvolvimento do indivíduo no contexto social.

## **Considerações finais**

O presente trabalho tinha como um de seus objetivos aprofundar os conhecimentos do referencial teórico acerca das emoções e da afetividade, sob a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e Wallon; além de problematizar, ampliar, levantar hipóteses e analisar a produção de conhecimento recente sobre a temática, a partir de artigos encontrados no site de buscas “SciELO”.

Através da pesquisa, observamos que atualmente há grande preocupação em investigar a importância da afetividade nas relações entre professor e alunos. Em todos os artigos é salientada a importância das emoções e da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Houve um avanço nas pesquisas sobre este tema, que, antes, era pouco difundido e pouco levado a sério. Ainda há poucas pesquisas, mas já podemos observar maior interesse e maior preocupação com os aspectos emocionais em âmbitos escolares de todos os níveis, desde a Educação Infantil até a níveis universitários.

Ao longo do trabalho, pudemos observar, através dos resultados obtidos na análise dos artigos, que, as pesquisas levantadas contribuem de forma significativa para pensarmos em novas práticas pedagógicas que levem em consideração as emoções, os sentimentos e a afetividade.

Em todos os artigos analisados, as conclusões que os autores chegaram é de que a afetividade é um fator decisivo e fundamental para que a aprendizagem ocorra de maneira significativa. As pesquisas realizadas mostraram a importância que a afetividade tem para a educação e o quanto a mesma ainda é negligenciada pelas escolas.

Diversos artigos salientaram a importância que as relações estabelecidas dentro do ambiente escolar possuem, já são determinantes para que o aluno se sinta motivado, se sinta capaz e, conseqüentemente, consiga aprender de maneira prazerosa e significativa.

Isto nos mostra que as ideias anteriormente vistas de Vigotski e Wallon acerca das emoções e da afetividade perduram até os dias atuais, ganhando ainda mais força e sendo exploradas com maior abrangência. Apesar de os autores escreverem suas obras

em épocas diferentes, em outros contextos, com diferentes práticas, seus escritos são de fundamental importância para a atualidade.

Fica evidente a importância das emoções e da afetividade no ambiente escolar e o quanto as mesmas podem influenciar em nossas vidas de maneira geral. Foi analisada a importância cultural que as mesmas desencadeiam, a sua importância no processo de desenvolvimento e que estão diretamente relacionadas com o fracasso escolar e com as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos.

É inerente ao ser humano desenvolver sentimentos e emoções, dessa forma, não é possível ignorar estes aspectos quando entramos em sala de aula. A escola é um espaço em que ocorrem muitas trocas de conhecimentos, muitas relações e conflitos. Sendo assim, é um espaço também em que sentimentos e emoções são constituídos.

Quando escolhemos ignorá-los, os mesmos não deixam de existir, mas ficam contidos, fazendo com que o indivíduo não consiga se exteriorizar e se expressar. Isto fará com que os alunos não se sintam confiantes, diminuindo sua motivação para aprender e, conseqüentemente, ocasionando as dificuldades de aprendizagem e muitas vezes o fracasso escolar.

Ainda podemos observar na prática das escolas o aspecto cognitivo se sobressair ao afetivo, mas as pesquisas nos mostram a tentativa de alterar este cenário e trazer para as salas de aula um caráter mais afetivo, podendo assim, auxiliar na aprendizagem e na vida de inúmeras crianças e adolescentes. Mas ainda assim há muito o que ser mudado na realidade das escolas do Brasil, no qual vemos uma prática que visa somente o resultado final e não o processo de ensino em si, no qual as emoções, os sentimentos e a afetividade nas relações são ignorados.

É urgente que se faça uma reflexão acerca das implicações da afetividade no âmbito escolar, visando assim a reapropriação da mesma na relação educativa. Vivemos em uma sociedade que considera importante apenas a aquisição de novos conhecimentos, no modelo tradicional da escola, alunos ficam sentados ouvindo o que o professor, colocado como autoridade e detentor de todos os conhecimentos, lhes transmite e ordena. Não há muito espaço para diálogo, para que o professor possa se aproximar de seu aluno, conhecer sua herança cultural, suas dificuldades, não é

permitido que as emoções sejam expressadas. O ensino acaba tornando-se distante, e há uma dicotomia entre aluno e professor.

Muitas vezes, vemos crianças desmotivadas, sem vontade para aprender e realizar as atividades, com diversas dificuldades de aprendizagem, e acreditamos que há algum problema de ordem cognitiva, alguma deficiência que precisa ser investigada, mas em muitos casos, o que realmente acontece é uma não consideração do aspecto afetivo, que as faz não se sentirem confortáveis no ambiente da sala de aula, acarretando em diversas perdas para o processo de aprendizagem.

Deixamos de escutar o que os alunos têm a nos dizer, não os deixamos se expressarem. Professores estão ocupados demais em passar a maior quantidade de conteúdos que for possível e se esquecem de perguntar a opinião dos alunos, o que acreditam ser necessário para sua formação, a relação do conteúdo que está sendo aprendido com a realidade deles, se esquecem de considerar que são sujeitos que possuem identidade, possuem bagagem cultural, possuem história, sentimentos e emoções, se esquecem de deixá-los se expressar e se ver como sujeitos ativos na sociedade.

Muitas vezes isto ocorre por entenderem que a opinião dos alunos não deve ser levada em consideração, já que possuem lugar de inferioridade na sala de aula. Ou então, é assumido um discurso moralista, fundamentado em valores conservadores, que responsabiliza o sujeito por seus sucessos e fracassos, ignorando a realidade na qual estão inseridos, a bagagem cultural que trazem ao entrar na escola e as diferenças sociais. Isso acaba distanciando os conteúdos da realidade dos alunos e conseqüentemente fazendo com que a aprendizagem não seja significativa.

Muitos educadores preocupam-se somente em transmitir conteúdos aos alunos, ensinar-lhes a maior quantidade de matéria que for possível, esquecendo-se que cada criança ali presente é um ser dotado de particularidades, identidade, bagagem cultural, opiniões, emoções. Não há como ignorar estes fatores dentro da sala de aula. A prática pedagógica deve corresponder às necessidades daquele determinado grupo social dentro da classe, respeitando as peculiaridades de cada criança, o que, na realidade, muitas vezes não ocorre.

Para que a aprendizagem realmente ocorra de forma significativa e prazerosa, fazendo assim com que os alunos se sintam motivados a aprender e sintam-se confortáveis no ambiente escolar, é preciso romper com esta distância entre professores e alunos. É preciso que a sala de aula se torne um ambiente amigável e harmonioso, que permite que todos se expressem e sintam-se livres para questionar e demonstrarem a sua opinião, e sintam que têm alguém para ouvi-los, para ajudá-los a superar as suas dificuldades, não só de aprendizagem, como também os seus problemas pessoais.

## **Bibliografia**

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. *O papel das emoções na constituição do sujeito*. Construção psicopedagógica. 2012.

ARANTES, Valéria Amorim e AQUINO, Julio Groppa. *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. Summus. São Paulo, 2003.

ARAÚJO, C. M. M. *Relações interpessoais professor-aluno: uma nova abordagem na compreensão das dificuldades de aprendizagem*. Universidade Nacional de Brasília, 1995.

BIANCHINI, Luciane Guimarães Batistella e VASCONCELOS, Mario Sergio. *Significação e sentimentos dos alunos quando erram na matemática*. Psicologia da Educação. Junho, 2014.

BOLZAN, Larissa Medianeira e LOBLER, Mauri Leodir. *Socialização e afetividade no processo de inclusão digital: um estudo etnográfico*. Organizações e Sociedade, Março, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9 394/1996. Brasília: Editora do Brasil. 1996.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC. 1997.

BRASIL. Proposta de Diretrizes para a formação inicial de professores da Educação Básica, em cursos de nível superior. Brasília: MEC. 2000.

BRASIL. Referenciais para formação de Professores. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. 1999.

CARNEIRO, Gabriela Raeder da Silva. *O autoconceito de crianças com dificuldade de aprendizagem na escrita*. Campinas, 2002.

CASTRO, Nelimar Ribeiro de. *Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicoeducacional*. Psic: revista da Vetor Editora. Junho, 2007.

CAVALARO, Adriana Gentilin e MULLER, Verônica Regina. *Educação Física na Educação Infantil: uma realidade almejada*. Educar em Revista. 2009.

DAYRELL, Juarez e GEBER, Saulo. *Os “novos” educadores dos programas de educação integral: uma análise das práticas educativas dos agentes culturais*. Educação em revista, Dezembro, 2015.

DIAS, Priscila Dayane de Almeida. *A afetividade na relação professor-aluno e sua influência no processo de ensino e aprendizagem*. Anais da Semana de Pedagogia da UEM. Volume 1, Número 1. Maringá: UEM, 2012.

DUARTE, Anaísa Caparroz; ALMEIDA, Débora Vieira de e POPIM, Regina Célia. *A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina*. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. Dezembro, 2015.

FERREIRA, Aurino Lima e RÉGNIER, Nadja Maria Acioly. *Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação*. Educar, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Editora UFPR.

GALVÃO, Izabel. *Conflitos sim, violência não*. Vozes, Petrópolis, 2004.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Educação e conhecimento. Vozes, Petrópolis, RJ, 1995.

HAZIN, Izabel; FRADE, Cristina e FALCÃO, Jorge Tarcísio da Rocha. *Autoestima e desempenho escolar em matemática: contribuições teóricas sobre a problematização das relações entre cognição e afetividade*. Educar em Revista. 2010.

HERNANDEZ-SANCHEZ, Alba María e ORTEGA-MALDONADO, Alberto. *Hacia la personalización del e-Learning: la afectividad y su repercusión em el bienestar subjetivo*. Revista Lasallista de Investigación. Julho, 2015.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. *Afetividade nas práticas pedagógicas*. Temas em Psicologia. Dezembro, 2012.

LOOS-SANT’ANA, Helga e GASPARIIM, Liege. *Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos*. Educação em Revista. Setembro, 2013.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. *Palavras e emoções no cotidiano da sala de aula: surpresa e indagações de uma professora em exercício*. Campinas, 2001.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. *Emoções: uma discussão sobre modos de conceber e teorizar*. Campinas, SP, 2004.

MAHONEY, Abigail Alvarenga e ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *Afetividade e processo de ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. Psicologia da Educação. Junho, 2005.

MARTINELLI, Selma de Cássia; SASSI, Adriana de Grecci. *Relações entre autoeficácia e motivação acadêmica*. Psicologia ciência e profissão, 2010.

MARTINI, Mirella Lopez e DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. *Atribuições de Causalidade e Afetividade de Alunos de Alto e Baixo Desempenho Acadêmico em Situações de Sucesso e de Fracasso Escolar*. Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology - 2005, Vol. 39, Num. 3.

MARTINS, Marlene Nunes; FIGUEIREDO, Lília Márcia de Souza. *Um olhar psicopedagógico sobre dificuldades de aprendizagem*. Novembro de 2011.

MONTEIRO, Isabel e GASPAR, Alberto. *Um estudo sobre as emoções no contexto das interações sociais em sala de aula*. Investigações em Ensino de Ciências – V12(1), pp.71-84, 2007.

OLIVEIRA, Maria Eunice de e STOLTZ, Tania. *Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky*. Educar em Revista. 2010.

PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo, 1999.

PEREIRA, Marta Maximo e ABIB, Maria Lucia Vital dos Santos. *Afetividade e metacognição em percepções de estudantes sobre sua aprendizagem em física*. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte, Abril, 2016.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. *A afetividade na relação educativa*. Estud. psicol. vol.27 no.3 Campinas jul. /set. 2010.

RIBEIRO, M. L. *A afetividade no bojo dos currículos de formação de professores*. Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino, Porto Alegre, RS, 2008.

RIBEIRO, Marinalva Lopes e Jutras, France. *Representações sociais de professores sobre afetividade*. Estud. psicol. v.23 n.1 Campinas jan./mar. 2006.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; JUTRAS, France e LOUIS, Roland. *Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa*. Psicologia da Educação. Junho, 2005.

SANTOS, Flávia Maria Teixeira dos. *As emoções nas interações e a aprendizagem significativa*. Rev. Ensaio. Belo Horizonte, v.09, p.173-187, dezembro de 2007.

SAWAYA, Sandra Maria. *Novas perspectivas sobre o sucesso e o fracasso escolar*. In: Psicologia Educacional: questões contemporâneas. 2005.

SILVA, Daniele Nunes Henrique e ABREU, Fabricio Santos Dias de. *Vamos brincar de quê? Cuidado e educação no desenvolvimento infantil*. Editora Summus, São Paulo, 2015.

SILVA, Márcia Cristina Araújo Lustosa; CRUZ, Valmira Maria de Amariz Coelho e SILVA, Frederico Fonseca da. *A aprendizagem significativa uma interface com protagonismo juvenil: numa perspectiva socioafetiva*. Revista Psicopedagogia, 2013.

SISTO, Fermino Fernandes; MARTINELLI, Selma de Cássia. *Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica*. Editora Vetor, 2006.

SOUSA, Rogério Gonçalves de e BASTOS, Sandra Nazaré Dias. *Discursos epistemológicos de afetividade como princípios de racionalidade para a educação científica e matemática*. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências. Belo Horizonte. Dezembro, 2011.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. *Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise a partir da realidade escolar*. Estudos e Pesquisas em Psicologia. Agosto, 2013.

TASSONI, Elvira Cristina Martins e SANTOS, Angélica Niero Mendes dos. *Afetividade, ensino e aprendizagem: um estudo no GT20 da ANPed*. Psicologia Escolar e Educacional. Junho, 2013.

TONELLI, Elizangela; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de e ALMEIDA, Fabrício Moraes de. *A práxis docente nos ambientes virtuais de aprendizagem no contexto da dialogicidade*. Janeiro, 2015.

VERAS, Renata da Silva e FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. *A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário*. Educar em Revista. Dezembro, 2010.

VIGOTSKI, Lev S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka*. Editora Ática, São Paulo, 2009.

WALLON, H. (1941/2007). *“A evolução psicológica da criança”*. São Paulo: Martins Fontes.